O MALHO
ANNO XXXIV
NUMERO 90
21 - Fev. - 1935
Preço 1$200

ALBUM - CINEARTE

Distribuição gratuita

O album cinematographico para o concurso instituido por "CINEARTE" está sendo distribuido graciosamente nas seguintes casas:

NO RIO:

Ao Bicho da Seda — Rua Almirante Barroso, 13.
Anglo-Mexican (Shell-Tox) — Praça 15 de Novembro, 10.
Radios Pilot — Avenida Mem de Sá, 100.
Academia Scientifica de Belleza — R. Assembléa, 115-1°.
Pharmacia Silva Araujo — Rua 1° de Março, 13-15.
F. R. Moreira & Cia. — Avenida Rio Branco, 107-109.
Casa do Bastos — Rua Uruguayana, 19.
Biscoitos Aymoré — Rua da Quitanda, 106-110.
Optica Ingleza — Rua de São Pedro, 80..
Casa Yolanda Porto — Rua Uruguayana, 49.
Ligneul Santos & Cia. — Rua Chile, 23.
Empresa Commercial de Novidades (Guitarra de Prata) — Rua da Carioca.

EM SÃO PAULO:

Perfumaria Lopes — Perfumaria Fachada — Perfumaria Bruno — Perfumaria Ramos Sobrinho — Perfumaria Morse — Drogaria Braulio — Drogaria Brasil — Drogaria Sul America — Drogaria Baruel — Drogaria Amarante — Drogaria Orion — Drogaria Americana — Ao Boticão Universal — Casa Andrade Silva e na Agencia Bernardino rua Anhangabaú, 17, e, ainda, em todos os vendedores de "CINEARTE".

Em todas as demais localidades do paiz, o

ALBUM — CINEARTE — CONCURSO

é distribuido graciosamente pelos agentes ou vendedores de "CINEARTE".

ALBUM-CINEARTE-CONCURSO

PREMIOS NO VALOR DE

10:000$000

AVISO IMPORTANTE

NA redacção de "CINEARTE" — Travessa do Ouvidor, 34 ainda existem á venda exemplares de "CINEARTE" em que foram publicadas as primeiras photographias a serem colladas no "ALBUM-CONCURSO CINEARTE".

. A. O MALHO

.. DE SOUZA E SILVA

...or, 34-C. Postal 880

...22 e 22-8073 – Rio

...ços das assignaturas

Annual, 60$000 -- Semestral, 30$000

NUMERO AVULSO EM TODO O BRASIL 1$200

O proximo numero d'O MALHO

Entre outros assumptos da proxima edição, destacamos:

A SAIA DA BAHIANA
Chronica de Benjamim Costallat
Illustração de Correia Dias.

TEMPO QUE SE FOI
Poesia de Olegario Marianno
Illustração de Acquarone

O ENGENHEIRO
Conto de Aurelio Pinheiro
Illustração de Cortez

O SILENCIO DA SOMBRA
Conto de Americo Palha
Illustração de Fragusto

CONFETTI & SERPENTINAS
Pensamentos de Berilo Neves
Illustração de Théo

GANDHI--O SANTO DAS INDIAS
Chronica de Jenny Pimentel de Borba

EIA, A CANTAR!
Chronica de Leão Padilha
Illustração de Walter Maya

MOMO E A RESURREIÇÃO DE BACCHO
Chronica De Mattos Pinto
Illustração de Muccillo

SECÇÕES DO COSTUME

Senhora, supplemento feminino — De Cinema — Carta enigmatica — O Mundo em Revista — Broadcasting em revista — Nem todos sabem que... — etc.

Todos nós temos o dever de estar ao par da actualidade scientifica, artistica, literaria e social do paiz. A ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA, a reapparecer brevemente, será a revista-synthese da actividade nacional. Faça, pois, deste grande mensario, editado pela S. A. "O MALHO", a sua leitura predilecta.

REALISMO

A sociedade fez o ser pequeno
arrasando o poder do Creador;
o mundo é um Eden cheio de veneno,
onde o peccado não tem mais sabor.

O homem covarde, sob o céo sereno,
de seu affecto sem poder dispor,
inveja o verme, desde o mais pequeno,
que luta e soffre para um livre amor.

Que loucura me assalta se te vejo
em plena mocidade, torturada,
e eu torturado pelo meu desejo!...

Sinto enlaçar-te com tamanho ardor,
que de empecilho nem percebo nada
e a vida acceito pelo teu amor!

HORTA DE MACEDO

Nem todos sabem que...

No Sião, a verificação das moedas é confiada a macacos ensinados. Nos bazares e casas de cambio pode ver-se desses intelligentes animaes, sentados ao pé da caixa, á espera das moedas. Logo que as peças de metal lhes são entregues para a sua verificação, os primatas mordem-nas.

Si ficarem marcas de dentes nas moedas, são declaradas falsas. A idéa de aproveitarem os simios nesse trabalho teve origem quando o paiz se viu inundado de moedas falsas. Um cambista surprehendeu um macaco a mastigar uma moeda. Esperou que o animal a deitasse fóra para constatar as depressões deixadas nella pelos dentes do anthropoide.

O que o homem previu aconteceu. Deu outra moeda ao mono. O animal metteu-lhe os dentes, mas, achando-a muito dura, atirou-a logo fóra. O cambista examinou as duas moedas concluindo que a dura era boa.

—:—

Ha uma novidade no que diz respeito a premios literarios. Pela primeira vez foi concedido o "Premio Alberto 1º". O facto registrou-se a 29 de Dezembro proximo passado. O laureado é Robert Vivier, natural de Chenée (Liége), onde veiu ao mundo a 16 de Maio de 1894. Autor de "Plaine étrange", livro inspirado na guerra e de "La route incertaine" (1931) e "Le Ménétrier" (1924), poemas, de "Déchirures" (1927) e "Folle qui s'ennuie" e "Non", romances, que acabam de ser premiados. O "Premio Alberto 1º", que foi fundado pelas edições Bernard-Grasse em memoria do Rei-Cavalheiro, comprehende 10.000 francos, uns sete contos de réis. — Outra nova laurea é o "Premio das Narrativas historicas", instituido, tambem em Dezembro, pelo "Intransigeant". Consta de 12.000 francos. Chama-se o laureado Louis Garros. Jornalista. Com "Les derniers feux" levantou o premio. Elle e René Le Gentil foram os unicos candidatos.

—:—

Levaditi e seus collaboradores Haber e Hornus, da Academia de Medicina de Paris, acabam de fazer demonstrações bastante interessantes sobre os "ultravirus", e o "bacteriophago". Por meio da gonacrina, esses sabios descobriram que os ultravirus e o bactériophago são susceptiveis de multiplicar-se e de adaptar-se, sendo, por conseguinte, seres vivos, embora mais simples do que as bacterias. Levaditi, cujo nome não é ignorado em nossos meios scientificos, pretende apresentar, breve, á Academia de Medicina outras descobertas importantes.

Caran d'Ache, celebre caricaturista russo, nascido em Moscou em 1858 e fallecido em Paris em 1909, se chamava Emmanuel Poiré.

Descendia de francezes. Seus primeiros desenhos appareceram na "Chronique parisienne".

Collaborou no "Tout Paris", no "Chat Noir", na "Caricature", no "Figaro", no "Journal", etc.

A elle se devem os *desenhos sem palavras*, que ainda hoje correm mundo.

O corpo de Caran d'Ache esteve exposto na egreja russa de Paris, á rua Daru e ahi foram celebradas exequias por Mons. Wladimir, que viera de Roma especialmente para essa cerimonia.

A inhumação teve logar no cemiterio de Clairefontaine, perto de Rambouillet.

LIVROS E AUTORES

Por PAULO GUSTAVO

Joaquim Nabuco — MINHA FORMAÇÃO — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 1934.

A maior parte desse livro appareceu no "Commercio de São Paulo" em 1895, mais tarde na "Revista Brasileira" e, em 1900, foi publicada em volume.

Hoje reapparece, como primeiro volume da edição uniforme das obras de Joaquim Nabuco.

Nestas paginas sobrias e elegantes, Joaquim Nabuco nos conta como e por que influencias se tornou monarchista parlamentar, como, após varios annos de tentativas, desistiu da poesia e, principalmente, como empenhou toda a sua vida na grande campanha da abolição.

Litterariamente, soffreu, acima de todas, a influencia de Renan. Confessa-nos mesmo o escriptor francez que foi o seu "coup de foudre" intellectual. Politicamente, foi Bagehot quem maior parte teve na sua formação.

A literatura e a politica alternaram-se-lhe no espirito, disputando-lhe as attenções. Nos primeiros annos, a segunda predominou. Da Europa, para onde viaja em 1873, volta o futuro abolicionista mais literato que politico. Já em 1879, quando entra para a Camara, retoma a politica o seu predominio.

A pagina em que elle descreve a impressão que lhe causou a visita feita a Renan é admiravel e encerra tambem uma lição para os jovens literatos, que se deixam seduzir pelos elogios.

Affirmando que "o verso é a mais nobre fórma do pensamento, a mais pura crystallisação da idéa e, como se tem dito, o que não se póde expressar em verso não vale quasi a pena ser conservado", em outro capitulo Nabuco nos explica, de um modo que o eleva ainda mais, por que naufragaria sempre no verso.

Deprehende-se de toda a obra que o autor nunca poude separar a politica da literatura, da arte e mesmo que só comprehendia a politica como obra de arte. Foi o que se lhe afigurou logo a campanha da abolição, a que elle e os gloriosos companheiros se entregaram em 1879, acreditando que nella gastariam toda a vida. E' o que elle chama tão apropriadamente a sua *"esthetica politica"*.

"Minha formação" é um livro unico no genero, obra de um homem como não tem havido muitos. Porque o que impressiona em Joaquim Nabuco e nunca mais vimos nos politicos da Republica é a harmonia perfeita da sua vida. No seu livro, não se encontra uma offensa, um ataque, uma revolta.

Clara Zetkin — MEUS ENCONTROS COM LENINE — Calvino Filho, editor — Rio — 1934.

A figura do ex-todo poderoso dictador da Russia, sem duvida interessante e digna de ser estudada imparcialmente, recebeu mais algumas pinceladas dadas por Clara Zetkin.

Communista convicta, tendo mesmo tomado já parte em varias tentativas subversivas na Allemanha, a autora da presente obra teve com Lenine alguns encontros, por occasião das reuniões da Internacional Communista. Póde, assim, descrever-lhe os habitos e narrar muitas passagens pouco conhecidas da sua vida.

Embora discordando do fundo, das idéas, como discordo, não posso negar que a leitura prende.

Machado de Assis — CONCEITOS E PENSAMENTOS — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1934.

Na collecção "Os grandes livros brasileiros", reapparece a obra de compilação devida a Julio Cesar da Silva: "Conceitos e pensamentos" de Machado de Assis.

Como bem o diz, no prefacio, o colleccionador, "com ser o mais conceituoso escriptor de nossa lingua", Machado de Assis não se preoccupou nunca em fazer um livro de pensamentos. Os agora reeditados, colheu-os Julio Cesar da Silva na obra do mestre. Não os separou por assumpto. Collocou-os ao acaso. E' assim que apparecem sentenças cynicas ao lado de maximas piedosas, sentenças que negam e outras que affirmam a mesma cousa...

Mas, em todas, ha essa ironia subtil e essa profundidade, essa originalidade e essa pureza de fórma que encontramos em toda a obra do grande narrador.

CAIXA D'O MALHO

J. DAS SELVAS (Palmeiras) — Quando V. ler esta resposta retardada, já terá visto o seu conto n'O MALHO. O seu trabalho de agora não está tão bem como aquelle. Eu sei que as explosões do seu enthusiasmo são sinceras, mas parecem um pouco ingenuas. O genero conto assenta melhor ao seu estylo.

JOÃO FASANELLOS (Pindamonhangaba) — Sinto ter de destruir-lhe as illusões. Sua poesia não tem nada de poetico. A metrica sahe horrivelmente maltratada, da lucta com a sua Musa terribilissima. Nem a rima escapou. V. rima, sem a menor ceremonia, *encerra* com *quimera*. E commette outras barbaridades. A historia da flor que, nos dias de viço, cercava-se de insectos, e que, na hora em que murchou, se viu abandonada, e a indefectivel comparação com a mulher que perdeu a juventude, é uma pavorosa banalidade. *Seu* Fasanellos, desculpe a franqueza, mas V. "não dá no couro". E... nada mais.

BON AMI (Rio) — "Elogio ao insulto" é um bonito titulo. Mas que texto decepcionante! A chronica estaria bem escripta se não fosse chronica, isto é, se fosse um commentario de jornal. Se V. se tivesse tido a preoccupação de escrever uma reportagem e accrescentasse mais algumas boas observações sobre os multiplos aspectos de uma feira livre, estou certo de que teria feito uma obra aproveitavel. Mas preoccupou-se mais em commentar e o commentario não nos interessa. Resultado: não foi feliz como da outra vez.

Z. P. LINS (Rio) — Você me dá uma importancia que eu realmente não tenho. A minha funcção, aqui é criticar as collaborações enviadas para esta secção. E eu o faço, pondo fora o que não presta ou não póde ser publicado, por qualquer motivo, e classificando á margem, com as notas — muito bom — bom — qualificavel — aquillo que for acceito. Após esse trabalho, vão as collaborações para o Secretario, que os aproveita, conforme as conveniencias estheticas ou literarias de cada numero d' O Malho. Não tenho culpa de terem os seus versos encalhado. Ha muitas poesias anteriores ás suas, que tambem ainda não sahiram. Adulterando um trecho de resposta a um consulente qualquer, V. me forneceu mais um traço da sua interessante personalidade. Guardei mais este carta, para completar o retrato.

AGNUS (Rio) — Bom, o conto. Será publicado como está.

DIVALDO P. SANT'ANNA (Feira de Sant'Anna) — São inconvenientes para "O Malho". Esta revista é catholica.

STONY VERGUE (São Caetano) — Outra occasião, poderia acceitar o seu poema. Agora, tenho versos demais. A selecção tem que ser mais rigorosa.

JANUARIO LUNA PANGO (Catanduva) — Seu conto tem um defeito que o invalida para "O Malho". E' extenso demais. O maior espaço que podemos dar a um bom canto, são duas paginas, com illustração.

Dr. Cabuhy Pitanga Neto

A minha alegria...

Você era a minha alegria... Você era o sol bonito dos meus dias felizes... Você era o brilho ardente da minha mocidade em flor... Era o encanto do meu sonho; a ambição do meu desejo...

Em você eu resumi o meu Ideal... Moldei a minha imaginação áquillo que você me poderia dar... Para não ter um desengano, para não lamentar uma desillusão de você.

E eu era alegre porque era feliz. Toda a minha vida eu a via reflectida nos seus olhos claros que zombavam da minha ingenuidade de pequena amante... Toda a minha ternura eu lhe offereci na devoção do meu grande amor..

Pobre amor... pobre coração...

Por que o amei tanto se você nunca me deu o seu amor? Por que me dediquei tanto a quem nunca foi para mim senão o *amado* e nunca soube corresponder-me?

Para você eu nada representei na vida... Nada, apenas o capricho passageiro por uma mulher bonita... Apenas o interesse de um minuto por uma bocca que se offerecia para uns olhos que falavam de amor... Apenas a vaidade de se sentir querido...

Você não retribuiu a dedicação do meu ser. Não comprehendeu que eu o poderia fazer feliz. Você não quiz entrever sequer em mim, o Ideal — e eu poderia represental-o para você...

Eu passei... Ligeira... Fui uma sombra agradavel nos seus dias de homem jovem, forte e sadio... Fui uma flor que perfumou algumas das suas horas e de que você sentiu prazer acariciando o avelludado... Mas, de mim nada ficou... Nem o perfume distante que deixam as rosas fanadas... porque você não sentirá saudade de mim.

Você não dará um pensamento de carinho á minha lembrança; os seus olhos me verão sem emoção e você apertará a minha mão, indifferente e amavel. Você será para mim o que são todos os homens; você terá um galanteio para o meu vestido bonito e um elogio á vivacidade dos meus olhos.

E você continuará a olhar-me distraido, esquecido de que eu o amei e de que você foi, um dia, para alguem, a grande, a maior, a unica alegria...

MAY

— Diabo! Não sei onde deixei minha caneta.
— Está atraz da tua orelha...
— Tampouco sei onde deixei a orelha.

Humorismo alheio

— Vens de algum pleito eleitoral?
— Sim, venho de um comité pacifista.

— Por que sou multado se eu não vinha com excesso de velocidade?
— E' que não consigo apanhar os verdadeiros culpados...

As musicas do Carnaval de 1935

Já se foi o tempo em que, no Carnaval, o carioca se contentava com uma unica musica de successo, absorvendo todas as preferencias.

De uns annos a esta parte, vem-se notando que varias composições são cantadas ao mesmo tempo com enthusiasmo e cada vez cresce mais o numero das que conseguem exito absoluto numa só folia.

Este anno, por exemplo, já estamos com meia duzia de musicas consagradas.

São dois sambas e quatro marchas.

"Salada portugueza", de Paulo Barbosa; "Grão Dez", de Ary Barroso e Lamartine Babo; "Joia Falsa", de Oswaldo Santiago; e "Deixa a lua socegada", de João de Barro e Alberto Ribeiro, — eis as quatro marchas.

"Implorar", de Kid Pepe e Germano Augusto; e "Foi ella", de Ary Barroso, — eis os sambas.

Ha, está claro, varias outras composições que estão dando o seu recado, como "Bicho Papão", de Donga e Eduardinho; "Eva querida", de Benedicto Lacerda; "Rasguei a minha phantasia", de Lamartine Babo; "Gosto de você no duro, yáyá", de Gomes Junior; "Muita gente tem falado de você", de Arnaldo Pescuma; "Te já", de Assis Valente; "Não deixo saudade", de Roberto Martins; "Nosso Romance", de Bide e Marçal; etc.

Dos principaes sucessos em marchas, foram gravados em discos "Victor" as seguintes: — "Joia falsa", por Gastão Formenti; "Grão Dez", por Francisco Alves; e "Deixa a lua socegada", por Almirante.

"Salada portugueza" foi gravada na "Odeon", por Manoel Monteiro.

Dos sambas, a "Victor" gravou "Foi ella", com Francisco Alves, e a "Columbia" gravou "Implorar", com Antonio Moreira da Silva.

Na vendagem em papel o primeimeiro logar, nas marchas, está com "Grão Dez", que já passou de quatro mil, e o segundo com "Joia Falsa", que já alcançou os tres mil, vindo depois destas, com cerca de dois mil cada uma, a "Salada Portugueza" e "Deixa a lua socegada".

Dos sambas, "Foi ella" anda por tres mil e "Implorar" por mil e quinhentos, sendo que o primeiro sahiu com grande antecedencia e assim poude distanciar-se.

A não ser alguma surpreza de ultima hora, estas serão as collocações das musicas do Carnaval de 1935.

Entre os editores de partiduras impressas, os louros estão repartidos, havendo duas marchas e um samba com os Irmãos Vitale e duas marchas e um samba com E. S. Mangione, da meia duzia de "primeiros logares" a que nos referimos.

"Coração Ingrato", de Nassara e Frazão, marcha que tirou o 1.º premio no concurso da Prefeitura, só depois deste é que poderá tornar-se popular e alcançar grande tiragem.

Foi gravada na "Odeon" por Silvio Caldas e editada pelos Irmãos Vitale.

SANGUE DE SAMBISTA

Este cidadão que o cliche apresenta chama-se Ronaldo Lupo e é o auctor do "Samba da Saudade", que ainda está nos ouvidos de toda gente de bom gosto. Estreou vencendo. A melodia suave daquella musica, para a qual Saint Clair Senna escreveu versos delicados, consagrou o compositor ainda desconhecido. Mas, ha uma particularidade interessante no caso de Ronaldo Lupo. Filho de extrangeiros, foi ainda creança para a terra dos seus paes e lá conservou-se até quasi rapaz, recebendo educação differente da nossa e adquirindo uma pronuncia que nada tem de brasileira. Mesmo assim, o seu espirito de nacionalidade foi mantido e a prova delle está nas musicas que elle compõe. Além do "Samba da Saudade", Ronaldo Lupo fez duas optimas musicas que Aurora Miranda gravou na "Odeon" e que serão mostradas ao publico logo que se desvaneçam os accordes do Carnaval de 1935.

NOTAS FÓRA DA CLAVE

— Julio de Oliveira, compositor e chronista, escreveu para o semanario "Beira Mar" uma chronica em que diz, a proposito de musicas carnavalescas, as seguintes palavras: — "E' interessante assignalar que, este anno, em materia carnavalesca, dois estreantes estão preoccupando seriamente os auctores veteranos — Oswaldo Santiago com a sua "Joia Falsa" e Paulo Barbosa com a sua "Salada Portugueza". Oswaldo Santiago, não obstante se ter popularisado entre nós como autor de felizes adaptações para musicas de films de successo, como "Valsa das Sombras", Stormy Weather", "Sob uma cascata", "Dinheiro á bessa", "Amor entre flores", "Canta para mim, Cigana", "Mil vezes boa noite", etc., achou geito de compor uma marcha para nos informar que alguem lhe tinha parecido sincera, mas não era... E a verdade é que a marcha "pegou" não só pela boa letra, como pela musica que classificamos como sendo a mais original entre todas as musicas carnavalesca actuaes.

AS IRMÃS MEDINA — A "Cruzeiro do Sul" está melhorando consideravelmente os seus programmas. Ahi estão, frente ao seu microphone, as irmães Medina duo vocal de que a cidade já tomou conhecimento. São duas artistas novas e de valor.

em Revista

RADIO NA TÉLA

Impressões do film "Allô, allô, Brasil"

Um ouvinte de radio doublé de fan de cinema enviou-nos as seguintes impressões sobre o film "Allô, allô, Brasil", em que apparecem os mais destacados artistas do nosso "broadcasting":

— Francisco Alves mostrou suas possibilidades para interprete de Frankeistein e outros films tragicos, em que a figura da morte se faça lembrar.

— Arnaldo Pescuma, depois da Carmen Miranda, é quem se mexe melhor...

— Custodio Mesquita fez um test de heroismo cinematographico, apparecendo com um collarinho de ponta virada, numa scena de studio de radio...

— Aurora Miranda comprou em segunda mão um vestido que sua irmã Carmen já havia tirado varias photographias em Buenos Aires...

— As mãos de Muraro são tão ageis que suggerem o seu emprego em outras actividades...

— Ary Barroso sentou-se no piano para acompanhar Francisco Alves em "Foi ella", mas o cantor parece que não concordou, tanto assim que apparece se acompanhando ao violão, logo em seguida.

— Mario Reis, alinhado e gorducho, fez lembrar a Kate Smith de "Ondas Sonoras"...

— Cesar Ladeira, de olhos parados, parecia hypnotisado e inconsciente do que estava dizendo.

— Barbosa Junior e Mesquitinha roubaram o successo de muita gente. Ladrõesinhos...

— Dirce Baptista, si não fosse o exaggero dos seus effeitos physionomicos, teria brilhando tanto quanto Aurora e Carmem Miranda.

— Almirante não cantou melhor "Deixa a lua socegada" porque estava embriagado... na scena.

— Elisa Coelho de Andrade devia ter escolhido outro numero mais popular para cantar no film. "No Rancho Fundo", por exemplo.

— Com uma ou duas anecdotas menos, Jorge Murad teria "abafado" ainda mais...

— Cordelia Ferreira ficou falando sósinha no fim do sketch com Barbosa Junior... O director não viu isto?

— O orchestra de Simão Bountmann é a cousa mais cinematographica do film.

— A scena do "Bando da lua" poderia ser muito melhor. Aquella lua que apparece no scenario e faz uma careta, lembra o sol que se conhece do desenho do Biurol...

— Carmem Miranda fecha o film com chave de ouro. Pena é que não o tenha aberto tambem. A garota é mesmo do cinema...

— O Sr. fabrica radios para qualquer corrente?

— Sim.

— Eu queria um para corrente de ar.

O CANTOR DE "IMPLORAR"

Este é Moreira da Silva, o cantor de "Implorar", o samba que alcançou o 1.° logar no Concurso da Prefeitura.

O CONCURSO DA PREFEITURA

Como já é do dominio publico, o concurso official da Prefeitura teve o seu epilogo no "Theatro João Caetano", com a audição das dez melhores marchas e dos dez melhores sambas do Carnaval de 1935.

Os premios, relativos as marchas, couberam a "Coração Ingrato", de Nassara e Frazão (1.° logar); "Cidade Maravilhosa", de André Filho (2.° logar); e "Joia Falsa", de Oswaldo Santiago (3.° logar).

Na parte de sambas venceram: — "Implorar", de Kid Pepe e Germano Augusto (1.° logar); "Foi ella", de Ary Barroso (2.° logar); e "Agradeça a mim", de Ismael Silva (3.° logar).

O publico, que enchia literalmente o theatro, protestou contra a classificação das marchas e a imprensa já se fez éco desses protestos...

Em outra nota que damos sobre as musicas do Carnaval de 1935, fazemos um cotejo da popularidade e da vendagem dos principaes successos já consagrados.

A "NOTA DO DIA" DA RADIO CAJUTÍ

Professor Sylvio Bevilacqua que, de alguns dias para cá, vem encantando os ouvintes da Radio Cajuti, com a sua interessante "Nota do Dia", commentario palpitante e vivo da actualidade a que o illustre professor sabe dar um relevo especial, com os retoques do seu fino humorismo e com a graça da sua apreciação sempre justa e sempre culta.

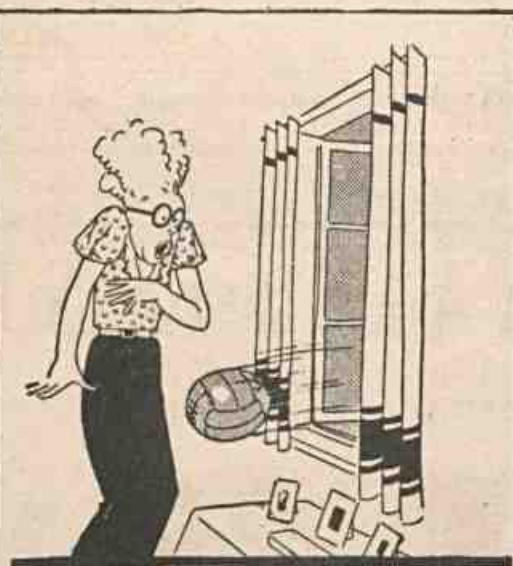
Sr. Redactor — Quero dar-lhe parabens pelo optima idéa de publicar a opinião dos ouvintes de radio. E com os meus parabens vae a minha opinião sobre os artistas de minha preferencia. Speaker: — Cesar Ladeira. Humorista: — Barbosa Junior. Cantor de sambas: — Mario Reis. Cantor de canções: — Castro Barbosa. Pianista: — Custodio de Mesquita. Cantora de sambas:—Carmem Miranda. Cantora de marchinhas: — Aurora Miranda. Cantora de canções: Anna de Albuquerque Mello. Cantor de tangos: — Milonguita. Tenor: — Oscar Gonçalves. Soprano: — Edyr Tourinho. Estação — Radio Rio. Programma: — "A Voz do Brasil". Sei que algumas dessas opiniões são banaes, mas que hei de fazer? São minhas... E como não tenho outras, mando estas mesmas e os cumprimentos de — **Princezinha.**

—:—

Sr. Redactor da Secção "Broadcasting" do "O Malho". — Não tendo lido nenhuma referencia ao radio paulista, na secção da "A Voz do Ouvinte", resolvi escrever-lhe para darlhe as minha impressões sobre alguns artistas do mesmo. Sonia de Carval'o é, para mim, a melhor interprete do genero popular, isto é: — sambas e marchinhas. Januario de Oliveira é o mavioso sabiá das canções e das valsas sentimentaes. Raul Torres, auctor da "Cuica tá roncando", é o rei do genero regional. Déo não tem competidores no tango argentino, que é um estylo muito apreciado pelos paulistas. Pedro Gil é outro grande vulto do radio de São Paulo, cantando todos os com muita expressão. Dallila Pinto, Aggripina Duarte, Zézé Lara — eis outras tres formidaveis artistas. Agora, o nosso "broadcastign" conta com mais dois valores que, apesar de cariocas, são muito queridos entre nós: — Jorge Fernandes e Silvinha Mello. Dos nossos speakers, sem falar no Cesar Ladeira, que hoje é da "Cidade Maravilhosa", temos o conhecido Nicoláu Tuma e Paulo da Gama Duarte. As estações de São Paulo honram qualquer paiz. A "Record" e a "Diffusora" são optimas e rivalisam com as melhores. Era o que tinha a dizer, Sr. Redactor, a quem a agradeço a gentileza de incluir as minhas opiniões na sua bem feita secção.

BRÉQUES

No Concurso da Prefeitura, commentando os pedidos de "bis" da marcha "Grão Dez", que foi desclassificada, o Jorge Murad explicava ao Saint Clair Senna:

— O autor, na letra da segunda parte, onde o chinez "diz que diz mas não diz", repete tres vezes: — Péde bis, péde bis, péde bis!" E o publico, julgando que se dirige a elle, procura ser camarada e **péde bis de verdade...**

O Carnaval no High Life

O High Life é esse grande centro de diversões que já entrou definitivamente nos habitos de quantos consideram o Carnaval como sendo o meio mais efficaz de esquecer os espinhos da vida. Por isso mesmo os seus bailes vêm dando, de ha longos annos, uma nota de sensação nos dias do Reinado de Momo.

E se foi sempre assim, este anno os grandes bailes vão superar em brilho a tudo quanto se tem visto até agora. E' que a direcção do High Life resolveu fazer executar no antigo solar monumentaes obras de remodelação, transformando o edificio "de fond en comble".

Assim, por exemplo, os salões do terreo foram ampliados de maneira a offerecer mais conforto aos folgazãos. O antigo tecto, que ao mesmo tempo era o soalho do pavimento superior, foi substituido por uma possante lage de cimento armado, que recebeu artistica decoração, de maneira a tornar o locar estheticо e absolutamente resistente. As paredes internas receberam elegante decoração, executada por artistas de renome.

No jardim lateral, onde havia uma velha varanda de madeiramento antigo, apparece agora um bellissimo pavilão estylo colonial, que completará o encanto do local. Tambem o velho palco do jardim se transformou num pavilhão gracioso, quer pelo estylo, quer pela solidez.

O systema de ventilação, bem como a illuminação geral, foram completamente reformados, surgindo agora sob fórma diversa do que era até então, bastando assignalar que nos dias de Carnaval o palacio da rua Santo Amaro será como que um immenso vulcão encantado.

Nessa nova phase, o Higth Life tem a vantagem de comportar o triplo da lotação, que mesmo assim terá muito mais conforto que anteriormente.

Dahi, pois, ninguem duvidar que nos dias dois, tres, quatro e cinco de Março, cyclo da Folia, o High Life, abrindo seus grandes salões, conquistará mais um enorme triumpho um triumpho sem par.

SERTÃO

As arvores quietas. Cansadas de sol. E o chão latejando.

Mulheres passam cantando debaixo das latas d'agua. Com saudade da felicidade que não chegou.

Lá está o tanque. Enorme e primitivo, todo cercado de mussambês ingenuos onde as juritys catam sementes num soturno esvoaçar de pennas cinzentas.

Esqueletos de jurema apodrecendo no lameiro da vasante. Meia-noite, espiritualizados pela lua, armam visagens que enchem o sertão de narrativas tragicas:

— Eu ia indo quando vi foi o cavallo espetar as orelhas e esturrar tres vezes. Olhei pra deante o vulto se buliu num balanço molle. Eu aqui comecei a oração das almas e dei de redea pra traz...

A cal da casa grande faisca na cara do viajante que vem rescendendo a folha de mulatinha esmagada na passagem dos carreiros estreitos.

— Ô de casa!

— Ô de fóra!

Esporas tinindo no tijolo assado da varanda. Café. Conversa. Ninguem pergunta quem é.

No deserto do nordeste a solidariedade humana é a unica flôr que dá bem.

A tarde toma chegada.

Descem do cocoruto da serra as virações. E a poeira, cabocla tambem, dansa no terreiro um baião de redemoinhos miudos.

Sobre a quietude das cousas a luz pega a morrer devagarinho, numa dispersão tranquilla de si mesma.

As verêdas se embrulham na sombra.

E pios, pinchos, mugidos, regougos, pipillos escondidos na ramaria entremostram mysterios de amôr.

Apparece uma estrella sózinha no céo.

Como um dente de ouro na bocca da noite....

Luiz Sá RIO — 35

SODRÉ VIANNA

COVA DE CACO

Por BERILO NEVES

■ SER é uma fórma evoluida de existir: os burros *existem*. Não *são*...

■ Pensar é meter o olho do pensamento no buraco de fechadura do Infinito... E' a unica especie de bisbilhotice que as mulheres não praticam...

■ A sombra é uma contra-prova da luz. Nada prova melhor a existencia do dia do que a noite...

■ A innocencia é um estado rudimentar da materia. As amebas são innocentes. Mas que differença entre uma ameba e uma mulher vestida pelo Jean Patou!...

■ O absurdo é, apenas, uma cousa que o nosso bom senso ainda não comprehendeu...

■ A Natureza tambem, ás vezes, faz pilherias. Basta olhar para a cara de certas pessoas...

■ A Vida é como uma fôlha de papel: tão grande que cabe um poema; tão fragil que o vento leva...

■ Ha mulheres que só são razoaveis quando não têm razão...

■ A vaidade é um modo impertinente, que algumas pessoas têm, de se levarem a serio... a si mesmas.

■ Ser bom é uma maneira theatral de ser tôlo...

■ Um homem, uma mulher, um gato... Tres animaes verdadeiros e um unico distincto: o gato...

■ Perder o juizo ainda é a fórma menos sensivel de perder alguma cousa...

■ A grande differença entre homens e mulheres é que os primeiros nem sempre fazem o que sabem, emquanto as segundas quasi nunca sabem o que fazem...

■ Muitas mulheres namoram por curiosidade, casam-se por calculo e divorciam-se por instincto...

■ Por que será que o verde é a côr da esperança? Será porque as arvores, que dão fructos, são verdes? Mas a grama tambem é verde e não dá fructos...

■ Tenho mais medo ás mulheres que acertam do que ás que erram...

■ Não é o peccado o que mete medo á muita gente: é que se venha a ter noticia delle.

■ A reciprocidade, no amôr, é uma coincidencia, apenas: como a de dois garotos que se põem a assoviar ao mesmo tempo. Mas um póde parar, de repente, e outro continuar a àssoviar... sózinho. Essa maneira de assoviar é que se chama *infelicidade conjugal*.

■ Dá-se o nome de egoismo á paixão de cada um por si mesmo. Nada mais natural do que o egoismo: por isso mesmo, todos fingem que não o têm...

■ A belleza physica sem a intelligencia é como um vaso sem flôres. A intelligencia sem a belleza physica é como uma flôr segura a uma haste de papelão...

■ A peor tortura, para um homem de espirito, é ter que sondar, um dia, o espirito da mulher a quem ama: seria melhor que lhe sondasse o estomago...

■ A lagrima é um artificio a que as damas recorrem sempre que perdem a coragem de mentir por palavras...

■ A poesia é uma fórma acrobatica (portanto, precaria) de exprimir o pensamento. A poesia está para a prosa assim como o salto mortal dos acrobatas para o andar physiologico de toda gente...

■ A saudade é como o éco: a reminiscencia tardia de um som que morreu...

■ O melhor meio de perder uma mulher é dar-lhe a entender que se sentiria muito a sua perda...

■ 90 % das mulheres possuem o segredo de se tornar desinteressantes pouco tempo depois de nos terem interessado ao extremo...

■ **Se o Diabo viesse á Terra, as damas inventariam, immediatamente, um meio de chamar a sua attenção...**

■ O amôr é um acto de fé: depende, sobretudo, de quem o sente. A divindade póde existir, ou não. E' cousa secundaria.

■ **As mulheres adoram o cinema porque o cinema é a arte em que mais facilmente se toma a apparencia por realidade...**

ELLA: — Si eu estivesse me afogando, que faria você que não sabe nadar?

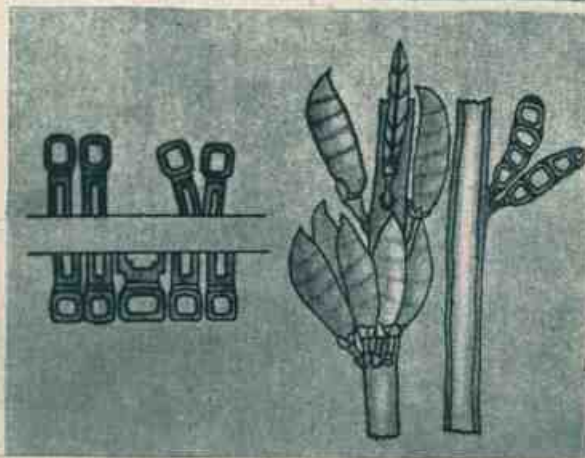
ELLE: — Iria logo buscar o salvavidas que esquecemos em Jacarépaguá....

OS MOTIVOS DECORATIVOS DA PORTA DO SOL

A Bolivia e o Peru disputam entre si a origem da "Porta do Sol", o monumento que, como bem assignala o emerito archeologo Pucher, constitue o mais importante de todos os trabalhos congeneres existentes no Continente. A "Porta do Sol" póde ser admirada nas cercanias do porto de Guaqui (Bolivia). Leo Pucher é de opinião que essa obra prima da arte amerindia foi elevada com o proposito de proteger ali a lavoura contra as pragas damninhas. Póde ser... Porque o jaguar ou puma representa, nas decorações do portal, o gusano, esse terrivel inimigo das plantações.

O gusano é um insecto lepidoptero. Ainda ha pouco (1932), taes insectos assolaram os altiplanos de Huanta, causando prejuizos colossaes. Os indios dizem que elles fedem horrivelmente, a ponto de afugentar as alpacas e lhamas.

As figuras phytomorphas vistas no portal são as plantas chamadas em quichua "tarruy". Nenhum animal é capaz de comel-as. Só o homem as utiliza como alimento, após um certo preparo especial. No sceptro da mão direita, que se vê no portal, notam-se tres anneis rectangulares em baixo-relevo e cinco com o centro ôco. Representam os anneis do gusano. Cada annel equivale a duas patas. Neste sceptro apparecem sómente 7 anneis, pois a mão que o empunha cobre um delles. O sceptro da mão esquerda representa o gusano transformado em mariposa. Por essa razão, tem só tres anneis com o centro ôco, correspondentes aos tres pares de patas da mariposa. A cabeça ou remate inferior é identica á do sceptro direito. A caracteristica de voracidade do "acchi" (ave protectora das plantações e inimiga dos gusanos) está representada na parte superior do sceptro. Os "acchis" collocados de sentinella ao ninho dos gusanos significam a inimisade figadal dellas pelos lepidopteros. O indice da força e do poderio é-nos apresentado no braço do idolo de Tiahuanaco. No antebraço apparecem duas cabeças de puma (o leão sul americano), o symbolo do gusano.

O baixo-relevo principal da "Porta do Sol"

Talos e fructos do "tarruy"

Huaco, idolo de Tiahuanaco

Os seis "acchis" da parte inferior do magnifico portal querem dizer que, si o gusano é voraz como quatro tigres, os "acchis" são mais numerosos e mais vorazes ainda.

A escada de quatro degraus do pedestal symboliza as quatro phases por que atravessa a vida dos gusanos.

O conjuncto das figuras do portal constitue uma synthese de todas as representações adoptadas pelos artistas indios na composição da "Porta do Sol".

O Sr. Leo Pucher observa que o templo, a que pertencia esse portal famoso, devia necessariamente ser destinado a celebração de ritos e a elevação de preces contra as calamidades, que eram frequentissimas naquellas regiões afastadas.

Cabeça de "acchi"

Para os BAILES de CARNAVAL

Exaggero elegante — Anna Meagle.

Conde de Monte Christo.

Duas phantasias estivaes e... interessantes

Um grupo hespanhol.

Paulette Dubost phantasiada de "Georgette".

Nancy Carroll, da Columbia — hawaïana typica.

"Geishas" — Ao centro Sylvia Sidney.

Setim "lamé", bolas de velludo preto, pernas á mostra, disfarce que dá relevo á belleza moça da joven carioca.

Pescadores na sua faina aproveitando o bom tempo

Um lindo panorama de Ubatuba

UMA PEQUENA CIDADE DO LITTORAL PAULISTA

Edificio do Grupo Escolar de Ubatuba

Caboclo vendedor de peixe, na Praia de Itaguá

Ubatuba, pequena cidade do littoral paulista, se não tem o brilhante *décor* dos nucleos urbanos da zona cafeeira, possue o pittoresco e o grandioso na sua paizagem.

Ella tem muito da tranquillidade e da pachorrice das suas irmãs do resto do paiz, com as suas edificações em estylo colonial, a sua velha igreja solida e simples, a sua vida sem emoções e sem grandes lutas.

Ubatuba está aqui, pintada nas photographias que enfeitam esta pagina.

Prainha, um lindo local de Ubatuba

Chafariz do Largo do Mercado

Um automovel puxado a cipó, na Serra de Ubatuba

A matriz de Ubatuba que envelheceu sem chegar a ser concluida

Creanças photographadas em frente ao G. Escolar de Ubatuba

O RIO CIVILISA-SE!

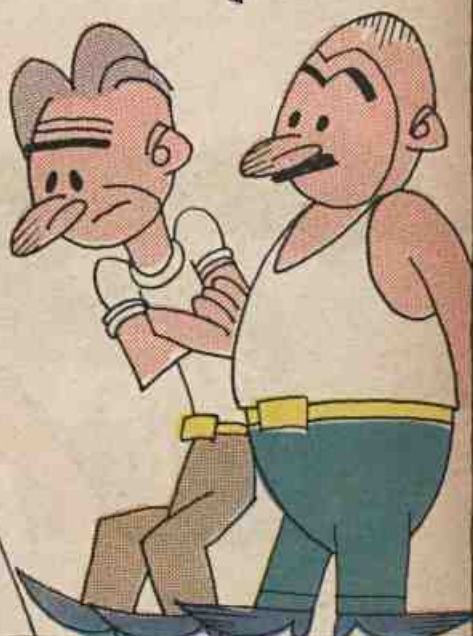
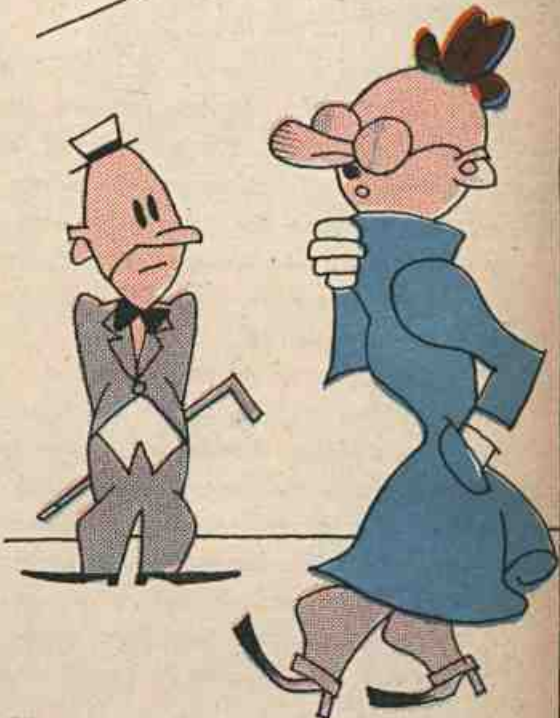
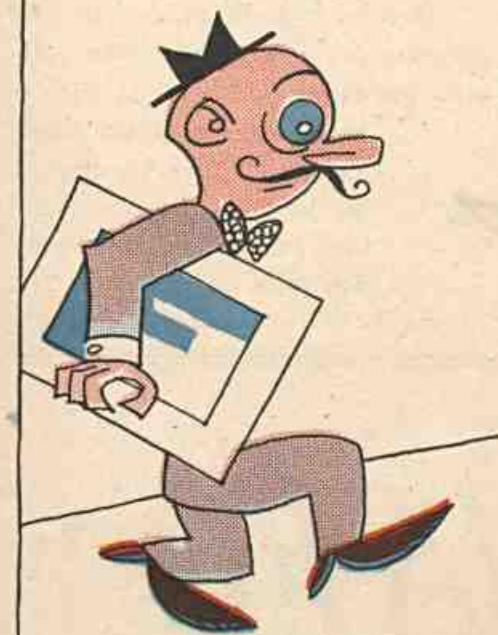
"Furtaram varias télas da Pinacotheca da E. N. de Bellas Artes".
(Dos jornaes)

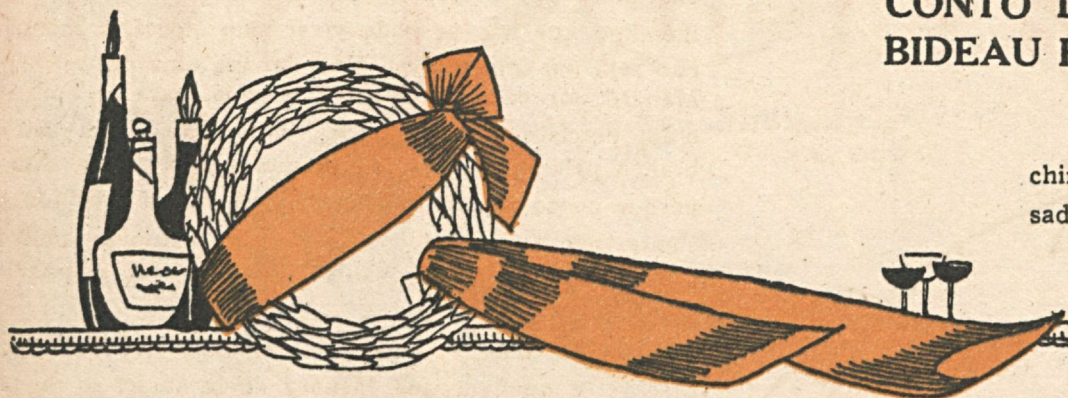
Civilisa-se o Rio de Janeiro!
Não se furta a gallinha do poleiro,
Não se bate a carteira do octario,
Ninguem mais cahe no conto do vigario.

Desgraça pouca é **bobage**
Furta-se, hoje, o automovel da garage,
Toda a feria de um banco,
Muda-se, em pleno dia,
Uma joalharia
Da Avenida Rio Branco,
Desfalca-se o thesouro.
O que se quer é o ouro!
O resto é **micharia**
Que ninguem aprecia...
Ninguem mais, hoje, é louco
De roubar pouco!
"Ladrão", quem rouba pouco
Hoje em dia?
E' um insulto!
Roubos? Sómente esses que são de vulto!

O ladrão, presentemente,
Sapéca
Calmamente,
Uma cartola,
E' amigo das Bellas Artes,
Vae á pinacotheca
Da "Escola",
Suspende com as télas,
Sem encontrar
O minimo embaraço
Pega nas télas
E sahe com ellas,
Debaixo do braço,
Pelas viellas
P'ro Largo do Paço,
Não encontra ninguem
Que as queira ou que as esconda.
Pura imitação, pura,
De Paris,
No caso escandaloso da Gioconda,
(O que, aliás, foi muito boa bola!)
Mas é que o pessoal d'aqui não vae na onda,
Pintor de quadro d'aqui não tem escola.
Ladrão de quadro aqui não tem cultura.
Sim, que ladrão que rouba os quadros lá da Escola
Prova que não conhece nickel de pintura!

LUIS PEIXOTO

Illustração de Théo

CONTO DE ANTONIN BIDEAU E MENESSIER

UM ASSASSINATO?

Chovia... Chovia sem cessar. Uma chuva fina e acariciadora... Uma dessas chuvas tão finas e tão acariciadoras, tão insignificantes, que ninguem faz caso dellas, embora penetrem o tecido dos vestidos e attinjam até aos ossos... A principio, experimentamos uma sensação de bem estar, parecendo que respiramos melhor fóra do escriptorio ou da officina onde trabalhamos.

Sentimos a força da vida. Uma hora depois estamos gelados, e a sola dos sapatos humedecida faz-nos pensar no recesso familiar e na amabilidade do chefe.

Pode-se affirmar que, si oitenta por cento dos empregados de escriptorios e vendedores do balcão acceitam salarios irrisorios para trabalhar em lojas infames, é para manter os pés seccos. Nunca se comprehenderá sufficientemente a influencia que os pés exercem na actualidade.

Assim reflectia eu, ao passo que o cortejo funebre se encaminhava para o cemiterio de Pantin. Atraz do coche, iamos attentos, evitando a lama e os charcos. Levavamos á sua derradeira morada um bom amigo que não tinha conhecidos fora dos circulos do cine e do theatro.

O velho Ménard, decano dos machinistas de theatro, após haver passado por todas as scenas de Paris e das provincias, viera terminar sua carreira no cinema. No acompanhamento via-se bom numero de "habitués" dos cafés do "Globe", "Namur", "Eldorado" e "Louis XIV", sem contar os empregados, taes como aderecistas, machinistas, costureiros, electricistas, tec....

Eu fôra designado especialmente pelo director de scena e pelo encarregado do studio para representar a companhia. Victor, um dos aderecistas, ia commigo ao lado de Adolpho, o machinista, que se endomingara para a circumstancia, declarando que o menos que se podia fazer como ultimo tributo á memoria de um antigo companheiro era comparecer bem vestido a seu enterro.

A marcha, larga e penosa, desde a egreja ao campo santo, sob a persistente chuvinha, parecia abater todo o mundo e dava a cada um um ar funereo. Seguiamos o cortejo machinalmente, taciturnos, sem dizer palavra, num silencio que se podia qualificar de religioso.

Subito, ouviu-se uma voz:

— Que tempo! Quando acabará essa chuva? O governo bem podia prohibir os enterros em dias chuvosos.

Era a voz de Adolpho, que se dirigia para Victor. O companheiro approvou com a cabeça e respondeu:

— Por certo que os afilhados do governo podiam prohibil-os... Mas os grandes pouco soffrem com a chuva... Vão bem forrados até aos pés... Qual! mude de idéa!...

— Pouco se me dá que as coisas melhorem — disse Adolpho. — Si não se tratasse de Ménard, que era um bom companheiro, eu cá não teria vindo. Trago as botinas cheias d'agua, mas irei ao fim, porque não costumo abandonar os meus amigos. Espero que, á sahida do cemiterio, iremos tomar um calice com a familia de Ménard... E' gente que sabe viver... e, demais, é habito... Cá para mim: si Ménard não tivesse morrido e nos visse neste estado, pode ficar certo de que elle nos convidaria para um apperitivo... O que eu mais apreciava em Ménard era a sua gentileza com a gente... Desgraçadamente, é sempre a mesma coisa!... Os bons morrem e os que não prestam ficam...

Adolpho pronunciara esta ultima phrase com um ar de querer tomar-me para testemunha.

Eu lhe retruquei:

— Com effeito, era um typo excellente esse pobre Ménard, e é de lastimar que não tenha sabido resistir á sua paixão. Ah! si tivesse aprendido a beber menos, a molestia não o levaria tão cedo.

Mal terminava a phrase, que Adolpho, já furioso, exclamou:

— Que diabo, você não respeita as circumstancias. Deixe de dizer tanta bobagem, homem! Olhe, sabe de uma coisa? Escute. Ménard não morreu de molestia. Foi assassinado. Garanto-lhe que foi. E sabe por quem? Por um medicastro qualquer que prohibiu á Sra. Ménard désse de beber ao marido... Sem esse curandeiro, que é o responsavel pela morte de Ménard, ter-se-ia evitado o desastre. Eu sei o que estou dizendo. Tres dias antes de esticar as canellas, Ménard me disse quando fui visital-o:

— Ah! meu caro Adolpho!... Si me permitissem beber á vontade, sinto que ficaria bom num instante. Maldito medico!...

"Eu lhe teria levado uma garrafa das boas, ás escondidas, já se vê, pois a mulher do nosso amigo estava sempre vigilante... Ella seguia á risca a ordem de "seu" doutor, e acabou-se!...

— Mas, emfim — repliquei — o doutor não se podia ter equivocado. Ménard era um alcoolatra: tinha cirrhose no figado, era hydropego, era...

Adolpho não deixou terminar:

— Era, era!... Era o quê? Ah! não! Não me encolerize. O momento não é opportuno. Si Ménard o pudesse ouvir, havia de rir, e acabava pondo você dentro do caixão. Conhece, acaso, ebrios do genero de Ménard? Você é bastante creança ainda para não se deixar convencer pelos charlatães que asseveram ser o alcool o inimigo. Pois eu lhe digo que não se pode viver sem alcool, a menos que não seja um imprestavel. Vou dar-lhe uma prova: o pobre Ménard por exemplo. Você sabe que, para se embriagar, eram precisos oito litros de vinho tinto e um de vinho branco pela manhã, afora innumeros apperitivos. Ahi está porque penso que, si não lhe faltasse nunca a bebida sufficiente, não teria batido a bota. Esse estupido doutor foi quem o assassinou. Proval-o-ei quando você o quizer e a quem o quizer.

— Sim, mas V. deve comprehender que é mistér ser razoavel e admittir que Ménard devia abster-se de beber. V. sabe que elle tinha um ventre desconforme e que foi preciso fazer-se-lhe puncções.

— Puncções!... Recursos de curandeiros, quando querem "expedir" os doentes. Em certos hospitaes as puncções são designadas por "extremas-uncções", justamente por constituirem um excellente meio expeditivo...

— Não achincalhe a Medicina. As puncções representam o melhor processo de extrahir agua do ventre.

Por um momento, Adolpho olhou para mim assombrado e, de repente, replicou, sorrindo triumphante.

— Já vê que não tem razão. V. mesmo confessa que Ménard era hydropego e estava minado pelo alcool. Isso prova que você não sabe o que diz, você e os doutores. Si Ménard bebesse muito, não teria barriga dagua, mas, sim, barriga de vinho... O fallecido ficava ás vezes apprehensivo com isso, e, um dia, me disse:

— Admira que me tirem agua do ventre, a mim que nunca bebi tal cousa.

Dois dias depois, entrava em delirio. Por essa occasião é que comecei a suspeitar que a morte de Ménard constituia um enigma. Mas agora estou certo de que elle foi envenenado com medicamentos, isto é, pelos medicos.

O cortejo penetrava no cemiterio. Julguei asado não insistir, para encerrar a discussão. Adolpho, satisfeito, accrescentou, ao afastar-se:

— Está combinado, então, um ou mais apperitivos, depois do enterramento? Será em homenagem ao velho Ménard...

O AZULÃO

CARMEN ANNES DIAS

ILLUSTRAÇÃO DE FRAGUSTO

EU estava reclinada á sombra do terraço coberto de "bougainville", palestrando, quando me lembrei de pedir ao nosso amigo que nos contassse a historia que mais o commovêra na sua vida cheia de sensações.

Elle baixou a cabeça um instante, trocou um olhar com a esposa, e principiou, sonhador:

— "Era uma vez... um homem que desembarcou em pequena cidade, em demanda do sanatorio que alvejava no topo da collina distante. Viajante de passagem, viéra revêr o velho companheiro de escaramuças academicas que era então o director do estabelecimento.

Os primeiros momentos passaram na evocação saudosa dos dias gloriosos da mocidade, retumbantes de vigor e emoção. A' tardinha o amigo, preso pelos affazeres, aconselhára-lhe um passeio pelo lindo parque com alamedas largas e recantos pittorescos.

Attrahiu o seu olhar a figura de um rapaz, ainda creança, sentado na ponta de um banco, discutindo com um passarinheiro. Este tinha na mão uma gaiola com dois sabiás a esvoaçarem tontos, batendo nas grades.

O homem approximou-se mais para ouvir a conversa.

— "Solta os pobresinhos...!" pediu o menino.

— "Deram-me bastante trabalho para apanhal-os..." resmungou o sujeito.

— "Oh! Meu Deus! Que crime prender essas pobres avesinhas que nasceram para viver em liberdade!"

As palavras pronunciadas em tom contido, de inexprimivel amargura, resoaram no coração do homem que escutava. Approximou-se mais e interrogou ambos. Falou o menino, contando o empenho que fazia para libertar os passarinhos que Deus soltou no espaço para encantar as creaturas com as suas curvas graciosas e as suas melodias. A voz era tão meiga que o homem comprou os sabiás, entregando-lhe a gaiola.

Soffregamente o menino abriu a portinhola — os passaros refugiaram-se num cantinho, tremulos, temerosos de nova armadilha. Subito um delles, vendo o quadrado azul, á frente, sem aquelles riscos feios que lhe tiravam a belleza, abriu as azinhas e mergulhou no espaço... o outro seguiu-lhe o exemplo e correram a refugiar-se na densa ramaria de um jatobá vizinho.

O rapazinho juntou as mãos e, nos olhos tristes, um véo de emoção toldou o brilho da febre.

Para vencer a impressão que lhe causára o gesto bondoso, o homem virou-se para elle e perguntou:

— "Como te chamas?"

— "José... e o senhor?" — redarguiu, sereno.

— "Mariano".

— "O poeta..." — murmurou, olhando-o com enlevo.

Lisongeado pela admiração visivel, continuou, batendo-lhe no hombro:

— "Oh! Rapaz! Sabes que eu vinha disposto a levar um azulão daqui? Depois do que houve e do exemplo que déste eu não poderei engaiolar mais nenhum..."

O menino levantou-se. A sua estatura franzina e doentia contrastava com a vida intensa do olhar profundamente observador. — "Venha commigo..."

O poeta acompanhou-o, intrigado, atravez das avenidas de plátanos, das alamedas frondosas, dos roseiraes perfumados. Entraram no sanatorio e dirigiram-se para um quartinho branco. Na sua singeleza franciscana destacavam-se tres cousas que denunciavam o espirito de estheta e idealista do seu morador. E o poeta correu o olhar commovido pelos livros encapados e cuidadosamente alinhados nas estantes, parou no copo onde se debruçavam duas rosas vermelhas e deteve-se numa gaiola tôsca pendurada na janella.

Um azulão rutilante saltitava de um para outro balanço, lançando trinados agudos, saudando o crepusculo suave que se estendia sobre a perspectiva do parque.

O menino apontou-o, dizendo:

— "O meu companheiro..."

Na quietude do quarto só se ouviu o leve ruido de uma petala que se desprendia e a exuberancia alacre e ruidosa do azulão.

— "Apanhei-o pequenino, cahido de uma arvore e cuidei-o. Conhece-me e canta quando me avista. Está sempre solto..."

Notou, então, a portinhola aberta. O rapazinho assobiou levemente e o passaro voou até seu hombro, dando-lhe bicadas no rosto. O menino pegou-o na mão, alisando-lhe as pennas, com um sorriso triste. Encostou a suave pennugem nas faces pallidas, um instante, tornou a guardal-o na gaiola, fechando a portinha. Dependurou-a e estendeu-a ao poeta que o fitava sem comprehender.

— "E' seu... leve-o..." — murmurou em voz sumida.

— "Oh! José! O teu companheiro... eu nunca farei isso!" — protestou com ardor.

Os olhos profundos e supplices voltaram-se para elle — uma luz irradiava no fundo das pupillas febris, dando-lhes extranho fulgôr.

— "Leve-o... Eu vou morrer..." Deteve o protesto que se esboçava e proseguiu em voz firme, com resaibos de amargura... "Oh! Não me illudo... Vi muitos, como eu, que se foram mansamente... Eu quizéra morrer assim, sem sentir, como um passarinho... Leve-o... Quando eu morrer quem fará caso delle, coitadinho! Tenho certeza que o senhor cuidará bem, lembrando-se de mim..."

O poeta, sem poder conter a grande emoção, sentiu um travo na garganta e lagrimas quentes assomarem-lhe aos olhos.

O menino apoiou-se á janella, destacando a cabeça de linhas fugidias virada para a gaiola onde o passaro cantava sem cessar, inconsciente do instante tragico.

"José... que poderia eu dar-te que te causasse prazer?" — perguntou a custo. Elle juntou as mãos, com fervor, e respondeu com simplicidade:

— "Os seus livros..."

O azulão trocou de dono, silenciosamente, e os dois amigos separaram-se sem palavras. Nos olhos do homem forte, fulgiu uma lagrima dorida por aquella vida joven que se esvaia nos olhos da creança scintilliu o pranto de saudade e renuncia...

—:o:—

— "E depois" - perguntei, em voz rouca, dominada pela historia triste e pungente.

— "Mandei-lhe todos os meus livros... escreveu-me, agradecendo e mandando lembranças ao azulão... Dias depois o medico annunciou-me a sua morte... como a de um passarinho..."

Pesou um silencio cheio de concentração, evocador... Subito um gorgeio vibrou no ar. Era o azulão...

CARMONA

O General Oscar Fragoso Carmona, no seu gabinete de trabalho.

O Presidente da Republica Portugueza, num retrato tirado ao tempo em que occupava, no exercito, o posto de coronel.

A figura do general Carmona começa a encher quasi todo o scenario da vida portugueza dos ultimos tempos.

De longe, vista atravez dos ocontecimentos que as agencias telegraphicas se encarregam de difundir pelo mundo inteiro, ella se apresenta como a de um bravo conductor de homens, um tanto rude, de punho duro e energico, de olhar agudo e penetrante, capaz de escolher, entre os que o cercam, aquelles que melhor podem dar á Patria as energias de que ella precisa nessa hora de reconstrucção. E o facto é que, com as suas medidas drasticas, a sua penosa economia, as suas restricções orçamentarias, o governo Carmona levantou a administração portugueza ao nivel dos mais sadios organismos estataes do Velho Mundo.

Sem luxos, sem desperdicios inuteis, sem planos mirificos, a economia lusitana se equilibra numa feliz mediania que lhe permitte ir atravessando a grande crise do momento, sem os soffrimentos, as torturas, as miserias de outros povos muito mais bem apparelhados de riquezas.

E é atravez dessa obra que o vulto desse velho e modesto militar, de energico perfil principia a projectar-se, fora das fronteiras de Portugal, na admiração de quantos se interessam pelos problemas de governo.

Renovando o seu voto de confiança no seu programma de administração, a Nação Portugueza acaba de reelegel-o para a Presidencia da Republica, na certeza de que elle continuará a dar todas as energias do seu coração e da sua alma para acabamento da sua grande obra de reconstrucção financeira e renovação politica da Patria Lusitana.

Outro retrato do Presidente Carmona, no seu gabinete de trabalho.

O General Carmona aos seis annos de idade.

O Presidente Carmona ao lado do Sr. Oliveira Salazar e rodeado de outras figuras do seu governo.

A Transfiguração da Utopia

Por DE MATTOS PINTO

Robert Fulton, que realizou a navegação a vapor, 117 annos depois da idéa de Denis Papin.

FILHO de medico, creado num ambiente de drogas e de therapeutica, Denis Papin seguiu a carreira da sciencia, que tanto illustraram Hippocrates e Galeno. Na familia, o havia precedido Nicolas Papin, medico que se distinguira por algumas obras scientificas. Os parentes fizeram-no adoptar a tradicção familiar, ignorando a vocação occulta, que se manifestaria mais tarde, num dominio todo diverso. Paris viu-o curvado sobre a mesa universitaria, estudando physiologia e anatomia e analysando orgãos e arterias. Aos vinte e quatro annos elle se encontra apto para exercer a medicina. Reage então, o seu verdadeiro destino. As noções mathematicas, que havia aprendido com os jesuitas de Blois, se apoderam do seu espirito. Pouco a pouco, a physica experimental e a mecanica applicada, lhe absorvem toda attenção. E' o momento, em que o ministro de Luiz XIV, funda a ACADEMIA DE SCIENCIAS. Instituindo o mais alto centro scientifico da França, Jean-Baptiste Colbert convidou para membro o astronomo hollandez, Christian Huyghens. O acontecimento desviou Denis Papin, da medicina. Querem uns, que por influencia do ministro Colbert, outros suppõem que por suggestão de madame Colbert, o joven medico occupou o cargo de ajudante do astronomo Huyghens, na ACADEMIA DE SCIENCIAS. Ahi, elle faz ensaios de mecanica e frequenta a bibliotheca do rei. A vida de que falamos, participa da nova época da philosophia, inaugurada por Roger Bacon, quando vemos a sciencia abstracta se applicar sobre a utilidade. Começam os primeiros dias da industria moderna.

PAPIN TROCA O BISTURI PELA BIGORNA

Em 1666, Christian Huyghens estava na França, com os seus conhecimentos de astronomia, mecanica, chimica e physica. Havia um problema de urbanismo, que muito preoccupava o ministro de Luiz XIV. Colbert queria trazer agua do Sena, para irrigar e ornamentar os jardins de Versalhes, mas não sabia como fazer pressão sobre o liquido, para que elle manasse, a 150 metros de altitude. Os engenheiros encarregados da empresa não souberam como resolvel-a. Baptiste Colbert entregou a questão hydraulica ao sabio hollandez, cujo espirito absorvido por outros themas mais scientificos, de astronomia e de physica, descurou da missão. Indifferente, Huyghens traçou alguns projectos theoricos, porém nunca chegou a realizal-os praticamente. Em 1671, confiou o estudo dos planos a Denis Papin, o seu novel ajudante, que egressara da medicina para a mecanica, discipulo original, que trocara o bisturi pela bigorna. Durante tres annos, trabalhou e procurou a solução do problema, que desafiara a argucia de outros mais experimentados. Conjecturava-se de utilizar o phenomeno do vapor, como meio de elevar a agua aos jardins de Versailles. Em 1674, Papin reuniu as suas observações e escreveu as NOVAS EXPERIENCIAS SOBRE O VACUO, obra na qual tratava da questão do ministro. Porém, visava sobretudo, o grande problema physico do phenomeno do vapor, do ar e das suas propriedades utilizaveis.

O tunel de Blaisy, na linha Paris-Lyon, no seculo XIX.

Os barqueiros do Weser, quebram o barco a vapor de Papin.

Eis a locomotiva de Trevithick e de Vivian, a primeira construida na Inglaterra.

INCOMPREHENDIDO NA FRANÇA, ELLE SE REFUGIA NA INGLATERRA

Denis Papin construiu e aperfeiçoou a bomba do vacuo. Empregando uma bomba a polvora, em 1675, tentou satisfazer o desejo de Colbert, de conduzir a agua a Versalhes. A machina falhou. Papin viu incomprehendida e ridicularizada, a idéa do emprego da força motriz do vapor, que hoje faz a maravilha do seculo XX. Porque a vida se tornasse intoleravel na França, ou porque o agitasse a inquietação das viagens, que lhe traria o epitheto de PHILOSOPHO COSMOPOLITA, Denis Papin se refugiou na Inglaterra, onde Bacon iniciára a renascença da sciencia moderna. No mesmo anno de 1675, o EDITO DE NANTES caçava os protestantes do territorio francez. Filiado ao protestantismo, embora as religiões nunca o tivessem apaixonado, decidiu não abjurar da sua crença. A partida da França, assignala o desabrochar da sua inspiração errante, ora na Inglaterra, ora na Allemanha, ora na Italia.

Denis Papin, o philosopho cosmopolita, precursor da machina a vapor.

A IDÉA FELIZ

Habil de mãos e de espirito, Papin sabia idealizar e realizar. Tanto concebia planos como fabricava as machinas, que esses planos exigiam que fossem executadas. As suas qualidades scientificas e inventivas, provocavam admiração geral. Prova disso, está no gesto de Robert Boyle, que o fez membro da REAL SOCIEDADE, em 1680. Pretende-se que foi durante esse periodo aureo da sua vida, que lhe occorreu a idéa feliz, da utilização do vapor, como força motriz, suggerida em face de uma experiencia, no laboratorio de Boyle. Outros insinuam, que a suggestão veiu de tempos mais recuados, de uma velha tentativa do abbade Jean de Hautefeuille. Quizeram com isso, negar a originalidade de Papin, insidia tão antescientifica, como pueril. Em 1861, Denis Papin fabricou um DIGESTOR, apparelho que hoje nos parece infantil, mas que mereceu naquelle tempo, a honra de ser commentado por Leibnitz. A machina feriu a attenção geral, menos pelas suas virtudes praticas, que eram quasi nullas, muito pelo phenomeno thermico, que ella punha em jogo. Em 1690, escreveu o NOVO METHOD PARA OBTER A BAIXO PR ÇO, FORÇAS MOTRIZES CONSIDERAVEIS. Considera-se a memoria de Papin, datada de 1690, como a primeira descripção da machina a vapor, o germen da mecanica industrial dos nossos dias. Por es simples, mas fecunda e immortal concepção, entrou Denis Papin, o sabio mathematico, como o tratava Leibnitz, na historia d intelligencia creadora.

Um wagon-correio no seculo XIX.

A infancia da locomotiva, no carro de Cugnot, em 1770.

Machina a vapor de Newcomen, usada em Londres, no seculo XVIII, para elevar a agua do Tamisa.

OS POVOS DISPUTAM A GLORIA DE PAPIN

Inglezes e francezes disputam a gloria. Asse ram John Robison e Thomas Young, que a machi a vapor foi inventada por Edwar Somerset, marqu de Worcester, dando assim prioridade á Inglaterra. Refutando esses e outros auctores, Arago argumenta, que se póde ir buscar a idéa da utilização do phenomeno do vapor, como força motriz, na alta antigui dade, mais de cem annos antes de Christo. Elle se refere a Heron, de Alexandria. Papin nos prende, mesmo se lhe tirarmos a primazia da machina a vapor conce dendo-lhe apenas o merito da idéa abstracta, porque soube viver intensam e idealmente, soffrer, foi mais do que um corpo a nutrir a materia das al Espirito solido, convicto da realidade das utopias, resistiu a todas injurias, dos scepticismos, a todas ignorancias. Precursor da inspiração mecanica, numa ep ca em que a machina ensaiava o seu nascimento, preparava a geração das caldeir e das turbinas, exercitava o advento dos cylindros e dos dynamos, Papin sentiu castigo, que fere os annunciadores de uma idade nova. Morreu humilde, famin ignorado, na hora em que a sua utopia se transformava em realidade. Inspira errante, Denis Papin sonhou um sonho, cuja grandeza enthusiasma o seculo X

DE CINEMA

Por Mario Nunes

FILMS E ASTROS DA "ALLIANÇA" EM 1934

Jan Kiepura

A surpresa cinematographica de 1934 foi o esplendido surto da Allemanha e da Inglaterra. Os estudios desses dois paizes lançaram no mercado e á admiração universal, films que não só rivalizam com as melhores producções norte-americanas como accrescentam alguma cousa como arte ao maravilhoso invento dos fins do seculo XIX.

Não citaremos, aqui, os grandes films inglezes e allemães de 1934. Alludiremos apenas ao exito sem precedentes da *Symphonia Inacabada*, para focalizar a Allianz-Film, de Berlim, que com essa producção conquistou um primeiro logar e gosa, agora, de uma situação de prestigio que ninguem, de boa fé, poderá negar.

Por isso mesmo julgamos opportuno ouvir o Sr. Arthur Wittenstein, um dos directores da Alliança Cinematographica, Limitada, que acaba de regressar da Europa, acerca da actuação da importante marca na temporada a iniciar-se em Março.

Willy Forst

Louise Ulrich

A Alliança lançará producções suas, isto é, da Cine-Allianz, de Berlim, e de outros productores de nomeada como as Fabricas Hisa, Boston e Ondra Lamack.

O publico do Brasil, para seu regalo terá tres grandes films da Cine-Allianz com Martha Eggerth, a actriz allemã mais querida da actualidade.

O primeiro, intitulado *Casta Diva*, focalizando a vida do grande compositor italiano Bellini e cujas bellezas ultrapassarão ás da *Symphonia Inacabada*, que se tornou celebre mundialmente.

Anny Ondra

Nessa producção o canto de Martha Eggerth será acompanhado pela orchestra do Scala de Milão. A direcção scenica desse celluloide pertence ao *regisseur* Carmine Gallone, que dirigiu os films de Kiepura e agora nos mostrará interessantes modalidades de sua arte.

Dos outros dois films da Alliança com Martha Eggerth, o valor artistico é notavel, bastando dizer que são dirigidos pelo genial Willy Forst.

Assim acaba um grande amor, com Paula Wessely e Willy Forst, assim como *Um casamento inglez*, com Renate Muller e Adolf Wolbruck, são dois novos grandes films da Cine-Allianz. O primeiro versa um assumpto historico sobre o amor do grande imperador francez Napoleão I pela linda archiduqueza Maria Luiza da Austria, interpretada por Paula Wessely, cujo trabalho neste film não é inferior ao seu em *Mascarada*.

Um casamento inglez é uma satyra divertidissima á alta aristocracia ingleza. São seus protagonistas, Renate Muller, Abelle Sandrock, a Maria Dressler allemã, e Adolf Wolbruck.

Estas duas producções estrearam no outomno do anno passado nos grandes cinemas de Berlim, onde, tal foi o successo, que permaneceram em cartaz durante muitas semanas.

E a seguir passaram a ser exhibidos, simultaneamente, em cerca de 100 cinemas berlinenses, facto este que constitue um acontecimento original para Berlim. Estas producções foram consideradas pela imprensa européa como "obras primas cinematographicas insuperaveis".

No film da Boston-Allianz, *Valsa do Adeus*, sobre a vida de Frederico Chopin, ouvirão todos os amantes da boa musica as lindas melodias escriptas pelo incomparavel compositor polonez.

Paul Kemp

Paula Wessely

Martha Eggerth

Tambem o film da "Hisa" — *Musica no sangue* (titulo provisorio) assumpto profundamente musical, cujo enredo empolgante narra a vida amorosa e o ambiente de uma Academia de Musica.

O Programma Alliança lançará ainda 15 films sobre os quaes falaremos mais tarde. Entre elles encontram-se: *Os 100 Dias*, versão cinematographica da peça theatral *Campo de Maggio*, de Mussolini, focalizando episodios da vida de Napoleão I, e a empolgante producção *Mocidade adolescente*, realização de Carl Froelich, com Heinrich Georg e Hertha Thiele, que permaneceu cinco mezes em cartaz num dos maiores cinemas de Paris.

A Alliança Cinematographica Ltda. apresenta sómente 25 films, poucos, relativamente, mas todos são producções escolhidas de grande valor e pertencentes á arte cinematographica moderna.

— — * * * — —

Adolf Wolbruck

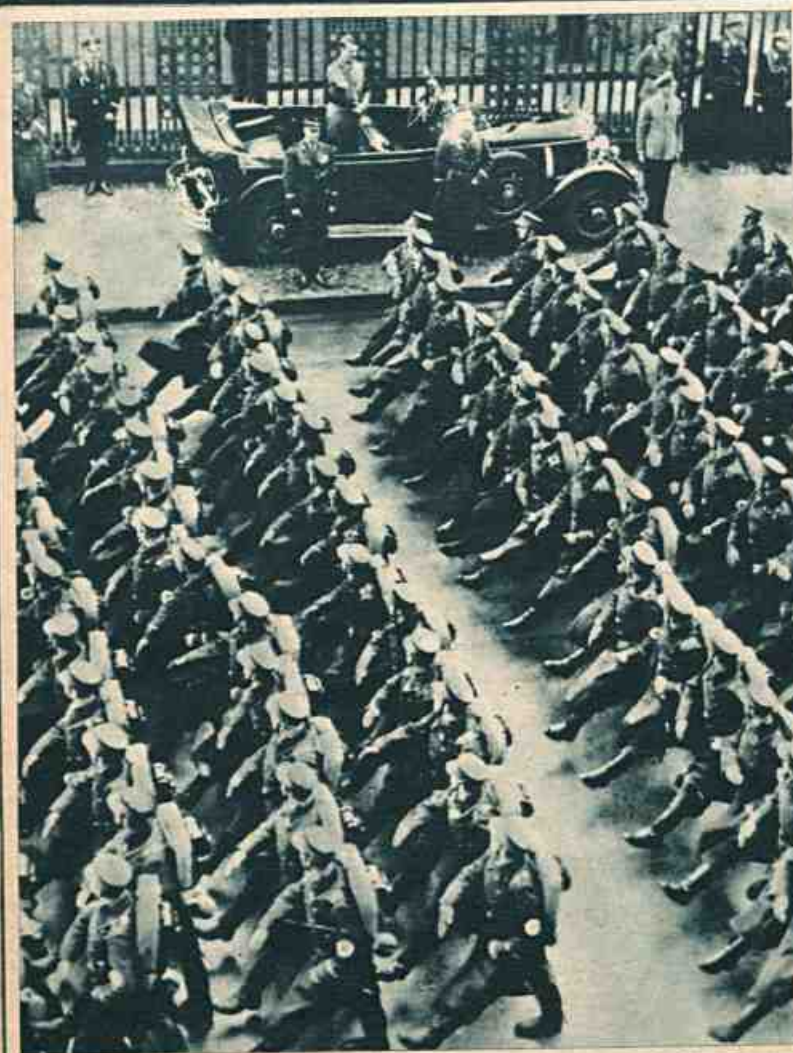
O MUNDO

PELA RELIGIÃO! — Numa das salas da Universidade Nacional do Mexico, os estudantes levaram a effeito uma manifestação de protesto contra a perseguição ás seitas religiosas.

REVENDO OS SEUS — O principe Michael, da Rumania, e sua mãe, a rainha Helena, a quem fez uma visita, em Brioni, onde a soberana passa uma temporada. O principe, que conta ao presente 13 annos, tem uma estatura irregular.

VISITANTES ILLUSTRES — Os reis dos belgas palmilhando as estradas brancas de St. Moritz (Suissa) onde se encontram de passeio.

THE RIGHT MAN — Cel. Ed. Halsey, secretario titulado do Senado norte-americano. E' um dos homens de maior actividade na politica de seu paiz, devendo-se-lhe muitos serviços valiosos, bastando dizer que todas as "demarches" são dadas por elle nas questões debatidas no Congresso.

UM CASO CURIOSO — A Sra. Harry Tifield de Putman (E. U.), é dada a conhecer a nossos caros leitores porque tem a caracterizal-a um facto virgem nos annaes da obstetrica: ella é mãe de cinco creanças gemeas. O Sr. Tifield, que tem 55 annos, diz, brincando, que ainda espera outros... São pobres e moram numa modesta vivenda, illuminada a lampeão.

EM REVISTA

O DIA DE ANNO BOM NA ALLEMANHA — O Chanceller (no fundo, em pé no automovel) passa em revista as tropas aquarteladas em Berlim. O Fuehrer desejou boas-festas a seus soldados e concitou-os ao cumprimento do Dever.

UMA GLORIA DA ENGENHARIA — Do littoral de San Francisco (Estados Unidos) podem ver-se tres das altas pilastras sobre as quaes assentará a grandiosa ponte San Francisco-Oakland, em construcção ha já varios mezes. Ao centro da bahia percebe-se o quarto pylone, começado dias atraz.

O ACCORDO FRANCO-ITALIANO — O embaixador de França, Pierre Laval (á esquerda) e Mussolini. Instantaneo apanhado na gare da Central de Roma. E' a primeira telephoto registrando o acontecimento, e foi transmittida para Londres por via aerea.

QUE E' UM JORNAL? — O famoso publicista Arthur Brisbane, de Nova York (ao centro), definiu perfeitamente o thema, no jantar intimo, que lhe offereceram no dia de seu 70º anniversario. O numero de leitores diarios de Mr. Brisbane é calculado em 30 milhões!

IMPERADOR DOENTE — O imperador Kang Teh de Mandchukuo. Elle guarda o leito ha varias semanas, dando-se como grave o seu estado. O governo acha-se entregue a um conselho de Regencia.

O BAILE DA COLUMBIA

Aspecto do grandioso baile de apresentação das musicas carnavalescas gravadas em discos Columbia, realisado nos salões do Fluminense F. Club.

JUSTA HOMENAGEM

O Sr. Manoel Ventura da Fonseca e Silva, conceituado commerciante nesta praça e ex-Presidente do Gremio Republicano Portuguez, foi homenageado ha dias, por seus companheiros de directoria, com um grande almoço que se realisou na Confeitaria Colombo.

O "PIC-NIC" DA CARAVANA DOS BOHEMIOS

Ao alto, grupo dos empregados da firma Pimenta de Mello & Cia. que constituem a Caravana dos Bohemios. Em baixo, a commissão organizadora da festa realisada ha dias na Ilha de Pequetá.

O JUBILEU DE UM ARTISTA

Realisa-se amanhã, nos salões da Pró-Arte, uma expressiva cerimonia nos moldes das que fazem parte dos emprehendimentos desse centro de cultura carioca.

Transcorrendo nesse dia a data commemorativa do nascimento de Frédéric François Chopin, o genio de Wola, sua memoria será ali homenageada condignamente.

A's 21 horas terá logar uma sessão litero-musical, a que prestará seu concurso o Conservatorio do Rio de Janeiro. Tomarão parte diversos nomes conceituados nos nossos meios artisticos, sendo de destacar a presença da senhora Altair Guigon.

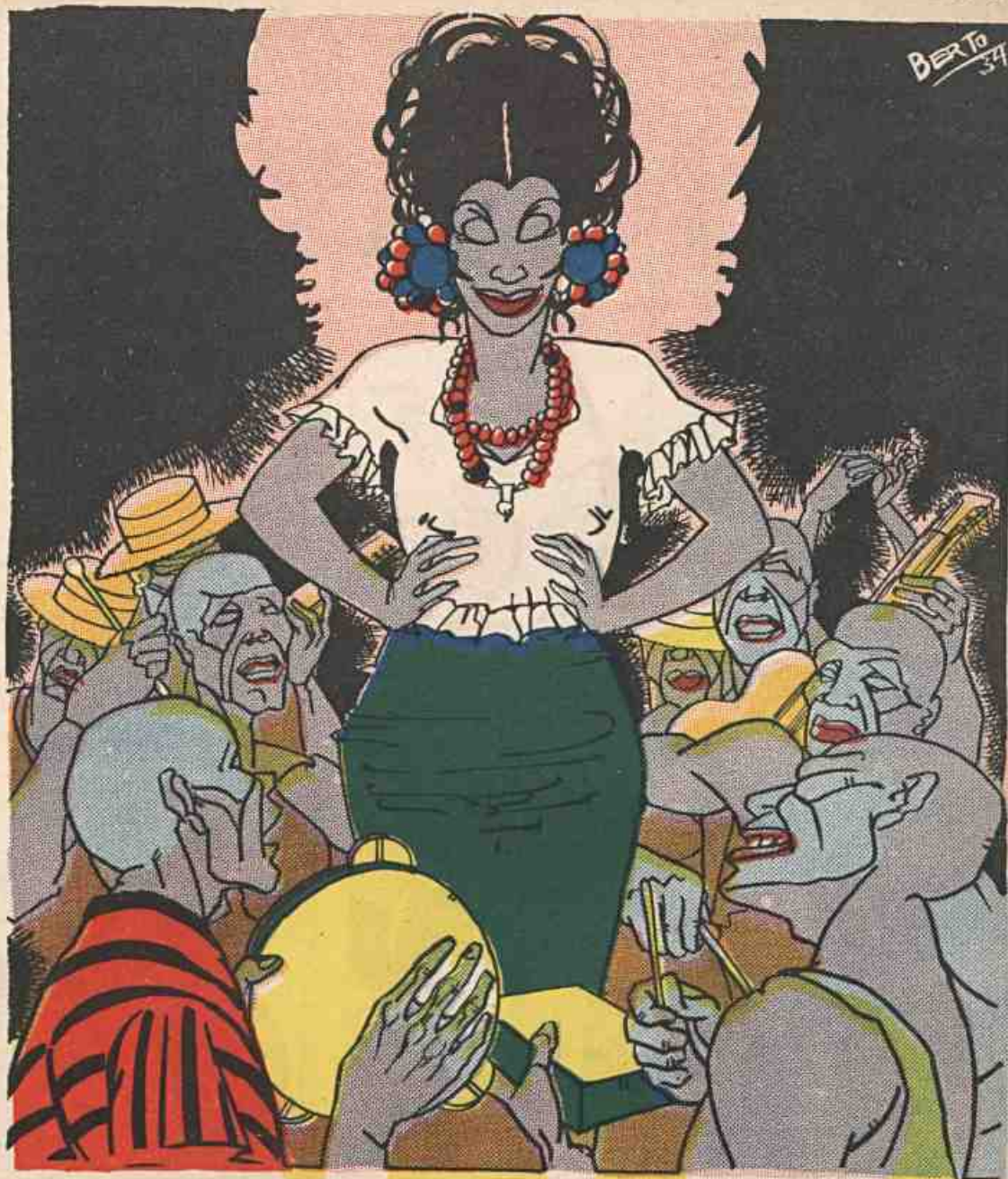
Sobre o musico-poeta, dirá algumas palavras a senhora Amelia de Rezende Martins.

O joven medico Dr. João Elias, conhecido facultativo em Jacarépaguá, onde gosa de grande conceito e sympathia.

ATE' depois de 1820 o Carnaval carioca participou de certas exteriorisações religiosas. Foi mesmo um episodio de procissões. Manoel Antonio de Almeida, nas "Memorias de um sargento de Milicias" descreve com infinita graça de estylo os prestitos do dia de Corpo de Deus a cuja deanteira iam se farandolas de bahianas gorduchas, seguidas de carros allegoricos profanos separados do cortejo sagrado pelo pallio que protegia o sacerdote de Christo. Adoptava-se ainda nas vesperas da Independencia o processo habil dos Jesuitas com os indios para attrahir aos dominios da fé catholica os barbaros, permittindo que elles trouxessem os seus ritos ás cerimonias publicas do culto divino.

Isso porém, embora a tonalidade carnavalesca, não era propriamente o Carnaval authentico da Quinquagesima, a festa pagã que se transportou á America e recebeu no tropico influxos novos e imprevistos. Os bailes guerreiros e religiosos dos selvicolas, as dansas dos africanos, com os seus rhythmos e cantos monotonos e rudimentares, sahiram das tabas e dos quibombos para as ruas, modificando-se a pouco e pouco, até que a Arte delles se apropriou, como elemento de composição esthetica, como thema folklorico.

Ahi o Carnaval se transforma mais profundamente, nacionalisa-se mais, adquire um matiz nitidamente brasileiro. Formam-se os **cordões** em que prepondera o motivo indio, e os **ranchos** em que a caracteristica é negra. Celebrações de epocas distinctas reunem-se n'um mesmo periodo, sem perder todavia os seus aspectos peculiares.

A ausencia de alegria na massa, a melancholia atavica do descendente do aborigene perseguido e do preto escravisado, imprimem a esse folguedo um traço paradoxal de tristeza liturgica. Canta-se então para não chorar, grita-se para abafar o soffrimento que lateja no subconsciente da raça em phase aguda de transfusão de sangues heterogeneos.

A PSYCHOLOGIA DO CARNAVAL CARIOCA

Com o tempo o Carnaval se altera, nas linhas externas, mas no intimo conserva a sua expressão originaria de protesto. Accrescenta-se-lhe o decorativo das vestimentas, dá-se-lhe a liberdade momentanea de critica aos poderosos, consente-se-lhe a phantasia das allusões satyricas, deixa-se que nelle se expandam em forma burlesca e sarcastica as queixas dos humildes e humilhados de todas as castas. Surge o mascarado como individuação do chiste, da galhofa, do epigramma. Vem a caricatura politica. Vem o **entrudo** aggressivo, com os seus esguichos, os seus **limões de cheiro**, o pó de sapato atirado á cara dos brancos, a farinha de trigo lançada á cara dos negros.

Essas scenas são nossas contemporaneas, dellas participámos como victimas ou como algozes, na nossa adolescencia. E quantos conflictos não nascem dessas batalhas violentas! Havemos de concordar em que é sem saudade que lembramos as duchas que nos applicavam ou que applicámos a transeuntes pacificos e distrahidos, e os prejuizos que causámos aos que se arriscavam a vestir bem nessas occasiões improprias ás provas de elegancia. Era o Carnaval, e porque era Carnaval raros eram os que não se suppunham com direito de provocar pneumonias e estimular a eclosão de tuberculoses encobertas...

———o———

O Carnaval da Monarchia procurava a selecção. Os saraus aristocraticos fugiam ao contacto da plebe. O seu modelo eram as festas das grandes côrtes européas com dansas classicas. Mas nem por isso os fidalgos, ás vezes, deixavam de comparecer com os seus baldes d'agua ás avenidas e jardins de Petropolis, a divertir-se como os que só conheciam esse recurso para as suas innocentes brincadeiras... Uma cousa, entretanto, resistia á metamorphose: era o espirito do nosso Carnaval, o seu accento de amargura. O samba estylisou-se, devassou todos os ambientes, entrou pelas janellas onde lhe fechavam as portas, e acabou triumphando definitivamente, porque só elle tem razão de ser, só elle tem logica nas commemorações de Momo. Agora o Carnaval é o samba, o samba-canção em todas as boccas n'uma explosão de sentimentos recalcados, o samba-delirio choreographico attingindo em cheio as mais recalcitrantes austeridades, o samba-voz de torturas ancestraes, dominador e envolvente.

O psychanalista que se collocasse, de accordo com a technica de Freud, em posição de acompanhar os movimentos populares nesse triduo de prazer convencional, immune do seu contagio, teria um vasto campo de experiencia na applicação da psychanalyse aos phenomenos collectivos. E o varejador de almas solitarias poderia constatar que a alegria ruidosa dos nossos foliões é apenas um parenthesis na nossa tristeza permanente. Rimos, pulamos, cantamos, para afogar a dor no barulho. E é tão instinctivo isso, que na quarta-feira todos correm a penitenciar-se nas cinzas da Egreja que ha seculos repete automaticamente a sua generosidade...

CARLOS MAUL

Acreditem ou não...
POR STORNI
ESPIRITO
Vamos ter outra vez o estafadissimo Rei Momo! O "gordo" que periodicamente é escolhido para isso, representa resignado o seu papel sob uma dose inqualificavel de espirito... engarrafado!
JUSTIÇA ELEITORAL
CAMARA
O caso da fraude eleitoral teve o seu triste epilogo. A Justiça Eleitoral fechou a porta da Camara á Bertha!...
O Baile da Imprensa vae ser um assombro, e constituirá uma surpresa! No meio de um silencio sepulchral se iniciarão as dansas, que serão animadas por um jazz sem som...
U.S.
CONGELADOS BRASILEIROS
Roosevelt, o nosso grande amigo americano, acolheu divinamente aos nossos financistas. Como consequencia disso foram retirados da geladeira os nossos titulos, para serem cosinhados a fogo lento...
BRASIL - URUGUAY
Na fronteira do Uruguay, os revolucionarios de lá andaram surripiando os nossos cavallos. Não ha como um dia depois do outro e o castigo tambem anda a cavallo...
!?!
35 CONTOS DE ECONOMIA
Os deputados faltosos deram um saldo de 35 contos, no mez de Janeiro.
Boa bola!
Imaginem a economia nacional como lucraria com a falta permanente de numero?!...
O nosso companheiro Théo apresenta nesta secção uma evolução interessante das modas de banho de mar nas praias cariocas...
COLLABORAÇÃO DO Théo
1850
1900
1920
1935

POPEYE

Por L. SOARES PINTO

QUANDO Radagasio falou nos discursos do demagogo, Ananias riu em silencio, com raiva. Conhecia o homem, e bem. Sabia das suas falhas, da sua escassa cultura. Era possivel esperar alguma cousa de semelhante cabotino?

— Mas elle agita, tem geito...

— Ora, agita! Que adeanta isso? Povo ignorante, povo ignobil!

E nesse tom começou um terrivel discurso, emquanto Radagasio, pensativo, olhava a ponta do sapato. Sim, era verdade, o demagogo não tinha *lastro*, mas como falava bem! Lembrava-se do ultimo *meeting*, na Praça Tiradentes. O demagogo (... — o que importa é a sinceridade, o amor á verdade...), de pé num tamborete, espetava o dedo no ar, olhos brilhantes, bocca retorcida num riso ironico (... — Essa classe de gente não tem raiz, tudo acaba em phrase...). Acabava de interpellar os ouvintes sobre "um dos problemas basicos da nacionalidade", que os politicos profissionaes teimavam em desconhecer. Um popular tinha lagrimas de enthusiasmo, e murmurava: "Que homem, esse "seu" Leandro!" (... — Eu, que sou zero em politica, poderia não ser, mas não quero! Detesto essa corja!...) Cessados os applausos, Leandro continuou. A interpellação ficou no ar, sem resposta. Foi melhor assim, para não estragar a eloquencia daquelle homem, e o delirio da multidão.

— Eu, que sou um illustre desconhecido em politica — repisava Ananias, poderia não ser, mas não quero (Radagasio voltára á tona e fazia um gesto affirmativo com a cabeça, numa acquiescencia descortez, sem saber ao certo o que o amigo dizia). Essa cousa cheira mal, embrutece a gente!

— A proposito, você leu o livro de Hitler?

Ananias não percebeu e — a proposito — mas estourou:

— Aquelle allemão infecto! Você pensa que vou perder tempo? Quero logica, coherencia, cousas que possam ser provadas. Por isso, detesto a politica.

— Então você terá de viver num mundo aparte...

— Tenho meus autores, meus poetas, meus philosophos... O mundo que se lixe!

Radagasio ficou a olhar o vacuo, sem saber o que dissesse. Ananias tinha uma habilidade especial em impedir o fluxo normal de uma conversação. Animava-se bastante quando o interlocutor se sujeitava a ficar na commoda, mas humilhante situação de ouvinte, ou quando se limitava a apartear para concordar. Ananias resvalava invariavelmente para as idéas geraes, e lá ficava, com os seus argumentos tão diluidos, tão subtis, que difficilmente se faria entender. Angustiava-se, mettia o dedo na testa, explicava:

— Talvez você não comprehenda, mas veja bem... Reconheço que a idéa é subtil. E' preciso *sentir*, pôr a alma na questão...

— Mas eu estou comprehendendo...

— Não, não está. Você não poderia comprehender! Desculpe, não quero dizer que você seja burro... E' que o assumpto é complexo, e eu não sei me explicar...

E assim por deante. Ananias era capaz de transformar um desastre de bonde numa questão metaphysica insoluvel para a humanidade vulgar. O companheiro, humilhado, engulíu o rancor. Deu um — bem, até logo! — tão secco, que irritou Ananias:

— Que estará pensando essa monéra?

A "monéra" estava simplesmente pensando em como seria delicioso quebrar aquella prôa toda. No fim de contas, pensava, Ananias era um fracassado. Vinte e oito annos, e nada escripto. Nunca se julgava bastante amadurecido. Qualquer portinha podia criticar Socrates e citar Huxley. Ananias, não. Nunca estava sufficientemente maduro em cousa nenhuma. Elle, Radagasio, certa vez lhe recitou uns versos seus, timidamente, com um ar posthumo. Ananias declarou "que aquillo não tinha substancia". Radagasio, enfiado, perguntou em que consistia a tal substancia. "E' difficil explicar, mas isso não tem substancia". Ananias sabia muito bem qual era o seu ponto fraco. A tal "substancia" acabaria se reduzindo ás proporções de um ponto, e a sua sciencia áquelle verso que os escholasticos puzeram na bocca do Creador, para contornarem os "impasses" da dialectica — eu sou, tudo é.

Quando o bonde parou na esquina da Rua Dois, o pesquisador do absoluto apeou-se e seguiu pela Corrêa Dutra.

Morava no meio da primeira quadra, numa pensão familiar. Pagava por tudo, casa e comida, trezentos mil réis. Sobravam-lhe cem para cigarros, algum cinema e outras miudezas.

— Ora, até que afinal encontro você!

Ananias voltou-se. Era o demagogo.

— Que tal, como vae?

— Vegeta-se.

— O outro ficou a olhar para Ananias, sem assumpto, com um sorriso immobilisado nos labios grossos. Começou a apalpar o amigo nos braços e nas costas.

— Então, vae bem?

— Vive-se. E você?

E olharam-se risonhos, na plenitude da estupidez.

— Venho pelo meu programma. Você está desoccupado?

— Sim. Entre.

No quarto, Leandro depositou as banhas numa cadeira.

Ananias deitou-se na cama e descansou a cabeça nas mãos.

— Homem — começou — para falar com franqueza, ainda não terminei o seu troço.

— Bem, para quando fica prompto?

— Oh, isso não sei! Você veja, tenho de estudar, de organizar as cousas... O assumpto é complexo...

— Mas, "seu" Ananias, as eleições estão ahi!

— Bem, ha tempo... Convenhamos em que é preciso fazer uma cousa decente...

— E o nome? Já achou um nome bom?

— Um nome é difficil... Um programma socialista, radical socialista... Isto é, não é bem radical socialista... Você veja, esses partidos todos têm nome errado, não correspondem ás idéas... Bem, talvez correspondam muito por cima... Não sei...

— Mas, "seu" Ananias, a questão é dar o nome! Qualquer um serve, dentro, naturalmente, do espirito da doutrina.

— Ahi é que está, o espirito da doutrina... Você veja, o socialismo é vasto. Até hoje não consegui delimitar bem a social-democracia... E' por isso que tenho horror á politica. E' uma cousa que não tem sentido, tudo é informe, plastico... Que diabo! Você me metteu em camisa de onze varas! Você abusou da minha camaradagem!

— Amigo Ananias, é preciso que você me ajude! As eleições estão ahi, o meu eleitorado está á espera do meu programma revolucionario!

— Qual o quê! Você ainda acredita que eleitorado pense em programmas?

— Meu caro, eu sou novato na politica. Em trinta, eu era apenas o tenente Leandro. Você me conhece bem. Você sabe que eu sou amigo sincero das classes trabalhadoras. Os meus eleitores talvez não se preoccupem com programmas, porque confiam em mim. Mas você comprehende, a opinião publica... Em todo caso, o urgente, no momento, é o nome. Mando fazer os cartazes, registrar o partido. O resto ainda poderei esperar. Mas o nome, "seu" Ananias, o que importa é o nome! Você, que já tem a estructura da cousa, poderá dar um nome adequado, para que serve essa intelligencia toda?

Aquella referencia aos seus dotes de espirito, a par da tacita confissão de incapacidade que envolvia, sensibilisou Ananias. Veiu-lhe, de repente, uma avalanche de idéas proprias para um programma impressionante. Via tudo informe, nas grandes linhas, mas estava certo de que, com um pouco de esforço, chegaria a analysar e a ordenar aquella nebulosa. Começou a sentir uma grande ternura pelo demagogo. Arrependia-se de ter falado mal delle em publico. Era verdade que faltara mal com justiça. Era difficil tolerar que aquella azemola se tornasse idolo de meia duzia de ignorantes. Elle, Ananias, animal essencialmente pensante, julgava-se merecedor de uma admiração maior, por que se considerava capaz de agir com discernimento e brilho. Mas que diabo! Aquella homenagem de Leandro ao seu talento atrapalhava-o... Tratava-se de construir a estructura de um partido, empresa difficil e delicada. Tentára algumas phrases. Tudo sahira balofo, sem substancia. Era preciso ir ao fundo do socialismo, e de lá trazer as idéas basicas, de primeira fonte, para estabelecer depois, numa cadeia rigidamente logica, as razões do movimento renovador. Sim, era preciso fazer direito, original, acabar com as phrases tão do vezo dos politicos profissionaes.

A difficuldade estava na escassez do tempo. Aquillo exigia dias e dias de trabalho, talvez mezes...

— Bem, o que lhe posso garantir é que vou fazer força. Esteja tranquillo, o nome amanhã lhe dou.

— Optimo! Compromettido, hein?

— Naturalmente!

Leandro tomou do chapéo.

— Amanhã, no Chave?

— Sim, amanhã, no Chave.

— Então, até amanhã!

— Até amanhã.

A porta se fechou suavemente e Ananias ficou só com seus phantasmas. Fechou os olhos, e foi se sentindo leve, leve. Uma somnolencia agradavel narcotisou-o. Dentro em pouco, dormia.

* * *

No outro dia, Ananias não foi ao Chave. Leandro appareceu na Pensão, e o metaphysico ouviu a criada dizer que ia ver se elle estava. Ananias correu para a porta e tirou a chave. A criada veiu, espiou, como de habito, pelo buraco da fechadura, e gritou:

— Não, não está!

— Pois faça o favor de dizer-lhe que virei amanhã, mais ou menos a esta hora.

Ananias ficou a pensar nas vantagens daquelle *mais ou menos*. Poderia se desculpar mais facilmente. O tenente do inferno já o estava aborrecendo. Tinha outros assumptos a estudar, outros planos, e o maldito tenente, demagogo profissional a perturbar-lhe as meditações! E agora, que lhe occorrera uma idéa formidavel! O caso era que os seus estudos sobre o assumpto do programma de Leandro não tinham sido de todo inuteis. Concebera um vasto ensaio, partindo das primitivas concepções da Historia. Faria a critica do marxismo, da social-democracia, do nacional-socialismo. Havia nisso tudo problemas insoluveis. A dialectica, por exemplo. Sua applicação á historia, depois da extincção das classes, se tornaria impossivel. Nessa contradição, no seu modo de entender, invalidava o marxismo. Estudo longo... Talvez levasse uns dois annos. Levantou-se, inspirado, sentou-se á mesa e começou a escrever a introducção. Pouco depois, abandonou a idéa. No momento opportuno, elle viria, com mais força e nitidez.

* * *

Dias depois, Ananias viu gradados por toda parte (até na nadega de uma das figuras da vistosa fonte Ramos Pinto) os boletins de propaganda do "Partido Socialista do Districto". Correu os olhos pelos dizeres. Lá estavam as expressões consagradas: Base de massa, contradições de capitalismo, agiotagem internacional. No fim, diversas assignaturas, encabeçadas pela de Leandro.

— Sujeito invariavelmente burro!

Entrou num café. Radagasio, a um canto, de olhos brilhantes, fez-lhe uma ruidosa recepção.

— Você viu o homem? Então, que tal o programma? Eu não dizia? Hontem foi um successo brutal o *meeting* do Partido. Já estou inscripto.

— V-o-c-ê?

Radagasio engasgou.

— Ué! Por que não?

— Você metteu-se nessa salada? Francamente...

— Meu caro, é preciso fazer alguma cousa pelas classes desfavorecidas. Agora, só agora, a nossa democracia começa a valer alguma cousa. Você precisa ouvir o Leandro.

— Deus me livre!

— Mas por que? Não é verdade isso que diz ahi?

Desdobrou o programma, que tinha cuidadosamente guardado no bolso. Ananias, alarmado, levou as mãos á cabeça:

— Pelo amor de Deus, pare com isso! Você não vê que tudo isso é chavão? Tanta cousa para dizer, tanta cousa bonita e justa, e esse estafermo a ciscar banalidades! Decididamente, isto é peor que a China!

E assim por deante.

Radagasio, revoltado, não encontrava argumentos para a defesa.

Limitou-se a entricheirar-se teimosamente nas suas convicções, com uma raiva infinita do philosopho.

Ananias entrou num cinema.

Sentou-se, amargurado, e olhou o panno.

Leandro estava eleito, a julgar pelo que diziam os jornaes.

Tivera uma votação excepcional nos bairros operarios.

Na téla, Popeye, o marinheiro, entrava num circo.

Farçudo e solitario, desprezando as sagradas cousas estabelecidas, converteu a innocencia do espectaculo num incrivel motim.

Amorotou a soccos o athleta trapezista, idolo das galerias, e conquistou-lhe a mulher.

Popeye, o individualista, o athleta sem patria, lá estava, sustentando no braço estendido a companheira da victima.

Dahi a pouco, o calunga sem raizes seguiria para outro porto, á cata de aventuras em que exercitar a inutil força destruidora...

As luzes accenderam-se.

Depois, novamente a penumbra.

E, na penumbra, Ananias viveu no mundo das imagens animadas.

No fim da sessão, sahiu, de olhos cansados, e tomou o bonde.

Ia meditar sobre os classicos gregos. Queria mostrar ao seu amigo Tobias, o hellenista, que elle não sabia nada de grego.

Talvez, dahi a uns annos, ainda viesse a abrir um curso particular de grego...

O CARNAVAL E O LUXO LIGADOS PELA ARTE

FOI realmente uma felilz iniciativa da **direcção do Casino** Atlantico, instituindo um concurso de cartazes entre os nossos artistas, cartazes destinados a dar ao publico o conhecimento das imponentes festas carnavalescas que ali se vão realisar. Ao concurso compareceu crescido numero dos nossos mais consagrados artistas, sendo classificados tres cartazes, dos quaes publicámos os que alcançaram o primeiro e segundo logares. Expostos no saguão do Lyceu de Artes e Officios, despertaram no publico o maior deslumbramento e encomios.

E, do successo culminante do concurso se poderá aquilatar do exito e explendor dos grandes bailes que se realisarão no Casino Atlantico depois de amanhã, festa inaugural do estabelecimento e bem assim nos dias 2, 3, 4 e 5 de Fevereiro.

De resto, para se ajuizar da grandiosidade desses bailes, basta assignalar que diversos factores se reunem para tal: — a excellente localisação do Casino Atlantico, a sumptuosidade do edificio e bem assim o requisito a que obedeceram as installações internas, inclusive a illuminação que obedece a normas absolutamente novas nesta capital.

Vê-se dahi, pois, que os bailes do Casino Atlantico representarão um espectaculo nunca visto na America do Sul.

Cartaz classificado em 1° logar, trabalho do joven artista Martins Vidal, que se occultou sob o pseudonymo de Vert.

Cartaz classificado em 2° logar, e de autoria do desenhista Madeira de Ley.

O CRIME QUE HORRORISOU O MUNDO

UM berço que relembra um dos crimes mais monstruosos do seculo. E' o berço de onde foi arrebatado o pequeno Charles Lindberg, que se vê ao alto, festejando em frente do bolo tradicional, o seu primeiro anniversario natalicio. O corpo da linda creança raptada appareceu, dias depois, barbaramente trucidada nas mattas de Hoppewell. Como autor desse assassinio que horrorizou o mundo acaba de ser condemnado á cadeira electrica, pelo Tribunal de Flemington, o carpinteiro allemão Bruno Hauptmann.

DR. DEOLINDO COUTO — Dois aspectos do almoço offerecido ao Prof. Deolindo Couto por seus collegas e amigos, em regosijo pelos brilhantes concursos que acaba de realizar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e na Faculdade Fluminense de Medicina.

PiERROT

Enfarinhado, em meio á doida mascarada,
e preso á crúcia dôr de uma desillusão,
não pódes tu fugir á predestinação
á qual tua existencia ingloria está ligada.

Tu tens uma alma triste, uma alma enlutuada,
e deves, recorrendo á dissimulação,
durante o Carnaval, com gestos de histrião,
mostrar uma alegria hypocrita e forçada...

O teu destino é o meu, branco Pierrot tristonho!
Um dia, eu, como tu, tive um doirado sonho
e o vi matar por mãos levianas e assassinas.

Devemos ambos rir no Carnaval da Vida!
Devemos simular, a rir em desabrida,
ter podido esquecer as nossas Colombinas!

GALVÃO de QUEIROZ

O Theatro Municipal á noite

Momo discricionario no Theatro Municipal

PROMETTE constituir a nota de maior repercursão no Carnaval deste anno, o elegante baile do Municipal, que terá logar no segundo dia da dictadura discricionaria do Momo. A sociedade carioca desde já se movimenta, nos preparativos para essa festa que tudo faz crer attingirá requintes de deslumbramento ainda não alcançados em outras anteriores.

O traje para os cavalheiros será a casaca ou fantasia de luxo, tendo sido abolido o smoking e o branco a rigor.

A commissão encarregada, pela Municipalidade, de preparar o theatro para aquelle baile, tem multiplicado seus esforços no sentido de proporcionar aos que a elle compareçam um ambiente confortavel e condigno.

Está-se fazendo a installação de apparelhos apropriados para manter sempre amena a temperatura nos salões e a ornamentação obedece ao mais puro criterio artistico.

BAILES COLORIDOS

A elite carioca vae ter este anno um baile da mais alta elegancia e que, pela sua organização original, não se poderá confundir com qualquer outro.

Trata-se dos **Bailes Coloridos** que o **Lux-Jornal** está organizando no Palacio das Festas. Chamam-se coloridos pela illuminação moderna que elles vão ter, illuminação de ondas, de leques de varias cores, que invadem os salões, produzindo effeitos maravilhosos. Além dessa novidade attrahentissima, os bailes serão realizados no maior salão do Rio, que ostentará decoração luxoriosa e artistica. O Palacio das Festas será certamente o ponto de concentração do nosso **set**, dado o criterio rigoroso com que vêm sendo organizados os bailes. Essa festa pela surprehendente illuminação, pela magnifica decoração, pela belleza das mulheres e allucinação das dansas, marcará uma nova etapa na evolução do Carnaval carioca.

O magestoso Palacio das Festas que possue o maior salão de dansas do Rio.

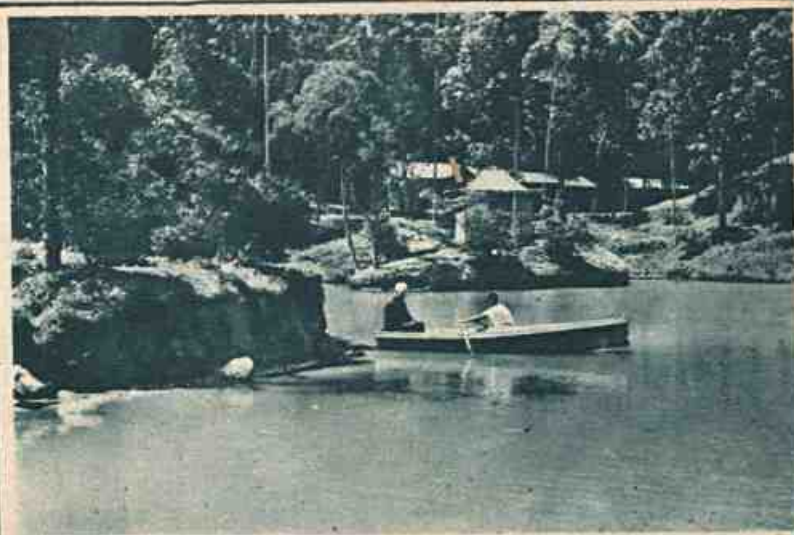
ESTREITANDO OS LAÇOS DE FRATERNIDADE NA AMERICA DO SUL

PELO avião da "Panair", regressou a esta capital o Dr. Lourival Fontes, director geral do Turismo do Districto Federal. Fôra elle á capital do Perú, onde representara o Prefeito do Rio nas festas de commemoração do quarto centenario da "Cidade dos Vice-Reis".

O Dr. Lourival Fontes teve uma recepção calorosa e cordialissima. No fluctuante da "Panair", foram esperal-o innumeros amigos, collaboradores e auxiliares da sua obra turistica. Trouxe o illustre viajante, da capital peruana, uma optima impressão, acerca da fraternidade reinante entre os povos sul-americanos, além de interessantes observações sobre o problema do turismo nessa parte do continente.

UMA FELIZ INICIATIVA DO DR. RAUL LEITE

O illustre medico patricio, Dr. Raul Leite, teve a feliz iniciativa de instituir um premio para o pharmaceutico que maior numero de trabalhos apresentasse á Associação Brasileira de Pharmaceuticos, sobre pharmacia scientifica.

No fim do mez passado, foi feita a entrega do "Premio Dr. Raul Leite", na sala de sessões da Academia Nacional de Medicina, ao pharmaceutico Carlos Henrique Liberalli, que o mereceu pelos seus trabalhos.

Cremiére, um lindo trecho dos arredores de Petropolis, onde a agua e a matta se combinam para fazer mais lindo e agradavel o ambiente.

A paizagem é remançosa e poetica, as aguas tranquillas e a floresta sombria e grandiosa.

O progresso aproveitou o encanto da paizagem e fez da Cremérie um dos mais lindos recantos de recreio da cidade das hortensias.

Varios assumptos

FESTA DE ANNIVERSARIO — A professora Edith Vasconcellos cercada de um grupo de alumnos e pessoas de sua amisade, no dia do seu anniversario natalicio.

COLLAÇÃO DE GRA'O — Grupo de alumnos do curso de tachygraphia das Escolas Metropolitanas do Trabalho, no momento em que convidavam, em nome da turma, o Sr. Herbert Moses, presidente da A. B. I., para servir de paranympho na collação de grão, a realizar-se no proximo dia 23.

CONCURSO TODDY — Aspecto da reunião de jornalistas na "Toddy do Brasil S. A.", afim de tomarem conhecimento das bases do novo concurso sensacional que aquella empresa vae instituir, por estes dias.

HOMENAGEANDO O C. R. BOTAFOGO — Aspecto da batalha de confetti promovida pelo America em homenagem ao C. R. Botafogo.

ENFERMEIROS TERRESTRES — Aspecto tomado quando da posse da nova directoria da associação "Enfermeiros Terrestres".

VISITA A' A. B. I. — O jornalista Crombie Allen, presidente da A. I. da California, em visita á directoria da nossa casa de jornalistas.

SENHORA

SENHORITA...

A' noite a silhueta da mulher de hoje é plena evocação da que deu ao passado o concurso harmonioso da sua graça absolutamente feminina.

Para de noite, assim, são os vestidos que aqui estão: num delles a saia vae pouco a pouco alargando-se dos quadris á fimbria; pequeno movimento de cauda, atraz, é completado por uma faixa do mesmo tecido, que é a "faille" ou ainda o setim Chambord. O do centro, expressão positiva da velha elegancia na geração nova. Um avental godeado, á frente do vestido, desde o decote á beira da saia, tambem fórma o minusculo corpete de rectangular decote; na parte de traz, o movimento da saia que principia a ser rodada desde a cintura, indica que as "boccas de sino" virão muito em breve tambem.

O velludo flexivel, "souple", sedoso, é apropriado ao terceiro vestido, todo cortado á princeza.

E as duas capinhas, — de "taffetas" e de "moire" — não estão no album de retratos da familia?

Sorcière.

DE TUDO UM POUCO

NOTA CINEMATICA

MAURICE CHEVALIER E JANNETTE MAC DONALD

Um dos melhores espectaculos da actualidade é o que o cinema offerece.

E agora, apesar da temporada de verão em a qual surgem producções de segunda ordem, não nos podemos queixar tanto: "réprises" agradaveis nos têm sido dadas, e a "Allianz", prova que a arte do cinema, na Allemanha, principia a rivalizar com a da America e de Londres.

Dramas e comedias ás vezes se tornam fastidiosos. O trabalho do folhetinista nem sempre se torna interessante, nem novo... Dahi o geito de aproveitar "successos" do palco, e velhas historias de especial encanto no presente.

1934 foi fertil em antiguidades: "Rainha Christina" — com a inimitavel Garbo —; duas "Catharinas da Russia": da Metro, com Marlene Dietrich; de Londres com uma encantadora figurinha de mulher e Douglas Junior; "Os amores de Henrique VIII" a extravagante Du Barry, desempenhada, em feição quasi vaudevillesca, por Dolores del Rio...

Foi só?

Não. Apenas citamos os "films" de maior barulho.

No anno que corre promettem-nos outras novidades antigas, iniciando-se a temporada talvez com dois trabalhos de grande reclame:

"Uma noite de amor"—da Columbia —, e "A viuva Alegre" — da Metro —, com os dois interpretes de "Alvorada de amor": Jeannette Mac Donald e Maurice Chevalier.

E' pena que os nossos theatros não nos seduzam com iguaes promessas.

Modelos de "abat jour" para quarto de creança.

MUNDO LOUCO

E' de uma revista allemã a gravura que aqui publicamos com a seguinte nota: Estatistica da commissão para alliviar a miseria universal no anno de 1933:

Morreram de fome: 2,4 milhões de pessoas.

Suicidaram-se por preoccupações de ordem financeira: 1,2 milhões.

Foram destruidos:

1 milhão de vagões de trigo.

267.000 vagões de café.

150.000 kilos de carne fresca, em lata...

HUMORISMO ALHEIO

O professor de chimica, na ausencia da mulher:

— Como será a formula para fritar batatas?

MULHER... BONECA...

(OSCAR LOPES)

Norma Shearer.

DISSE a mulher, fitando, a sorrir, a linda boneca de porcelana que repousava em um coxim de seda, a um canto do "boudoir", perto de um solitario de chrystal de onde emergiam cravos encarnados de estonteante perfume:

— Em que me pareço comtigo, para que "Elle", quando está contente, me chame a sua "bonequinha"? Tu és bonita, sim. Mas isso não basta para justificar a comparação. Ha tantas differenças entre nós ambas...

Pensou um pouco e continuou:

— Por exemplo: Teus olhos são azues, os meus são negros. Tens a bocca pequena, é exacto, mas — coitada! — vazia de beijos... Em tua orelhinha côr de rosa nunca penetrou uma palavra de amor. Tuas mãos desconhecem o delicioso contacto de outras mãos amadas. Em tua cabeça jamais fulgurou um pensamento perturbador, como a paixão ou o ciume. Não usas "rouge" nas faces, nem "baton" nos labios, e trazes os cabellos compridos, ao passo que os meus estão cortados a "chien d'eau". Nem no corpo nos parecemos! O teu, pobrezinha, é de panno e algodão, emquanto o meu é de carne moça e palpitante. Em que nos assemelhamos, então?

No mesmo instante, pela janella aberta, passou uma lufada de vento sem educação. A boneca oscillou no seu delicado throno e veiu tombar no tapete.

E a mulher concluiu, cessando de sorrir:

— Só se fôr na fragilidade...

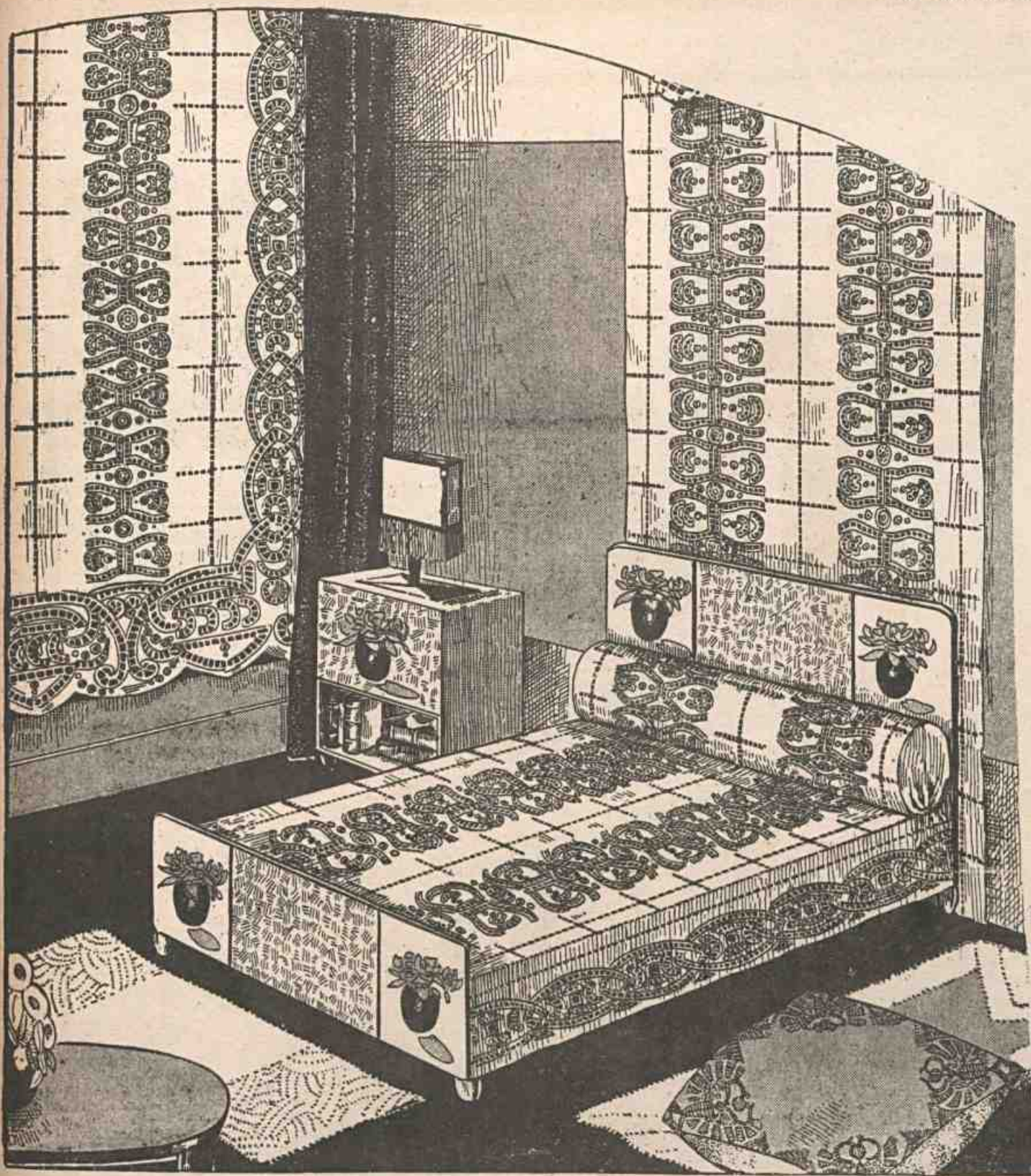
UPUPIARA

(HILDEBRANDO DE MAGALHAES)

Incha, qual si quizera altear-se em grande serra,
O sólo, de repente, e ora vibra, onduloso,
— Como si um monstro, ali, convulsionasse a terra, —
Ora, no seio delle, ha um rumor cavernoso...

E' o minhocão, — phantasma hediondo e façanhoso, —
Que, com ruido infernal, que os viventes aterra,
Penetra, indo de um lago a um banhado formoso,
O humus que as aguas filtra e que os vermes encerra.

Até lá, certo dia, em colleios, chegara
Do mar, subindo um rio, onde o horror espalhara
Entre os peixes da lympha, em medonhas pilhagens.

Sentindo-o, sob o chão, qual giboia irritada,
— Corre, a fugir da morte, a tonta bicharada,
E enchem-se de pavor caipiras e selvagens...

Decoração da casa

Bordado Richelieu — de linha brilhante no linho, organdy ou cambraia de linho — De fio de prata no "taffetas" azul doce, rosa ou amarello — Guarnição apropriada a quarto de cama.

AS ESTRELLAS DO CINEMA NUM "BAL DE TÊTES"

KAY FRANCIS
de hespanhola
(WARNER-BROS)

NOS TEMPOS DE CELINI
20th CENTURY

NANÁ
ANNA STEM.
DA UNITED

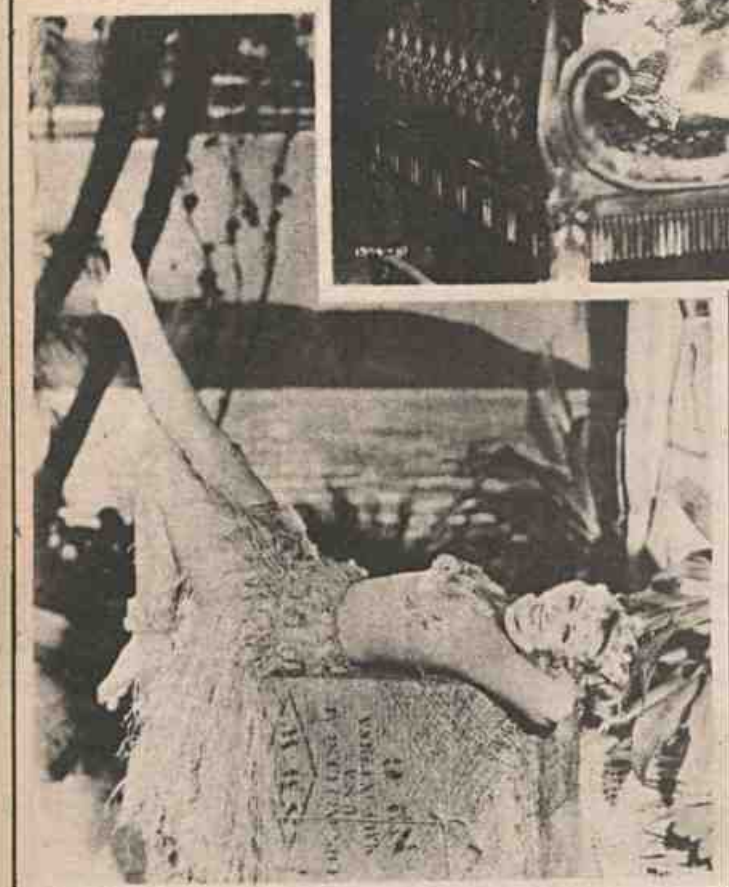
FUTURISTA

UNA MERKEL
DAMA ANTIGA
(METRO)

DU BARRY
DOLORES DEL RIO
(WARNER BROS)

POMPÉA
CLAUDETTE COLBERT
(PARAMOUNT

CAMPONEZA RUSSA
Anna Sten

DANSARINA

HAWAIANA
Joan
BLONDELL
WARNER
BROS

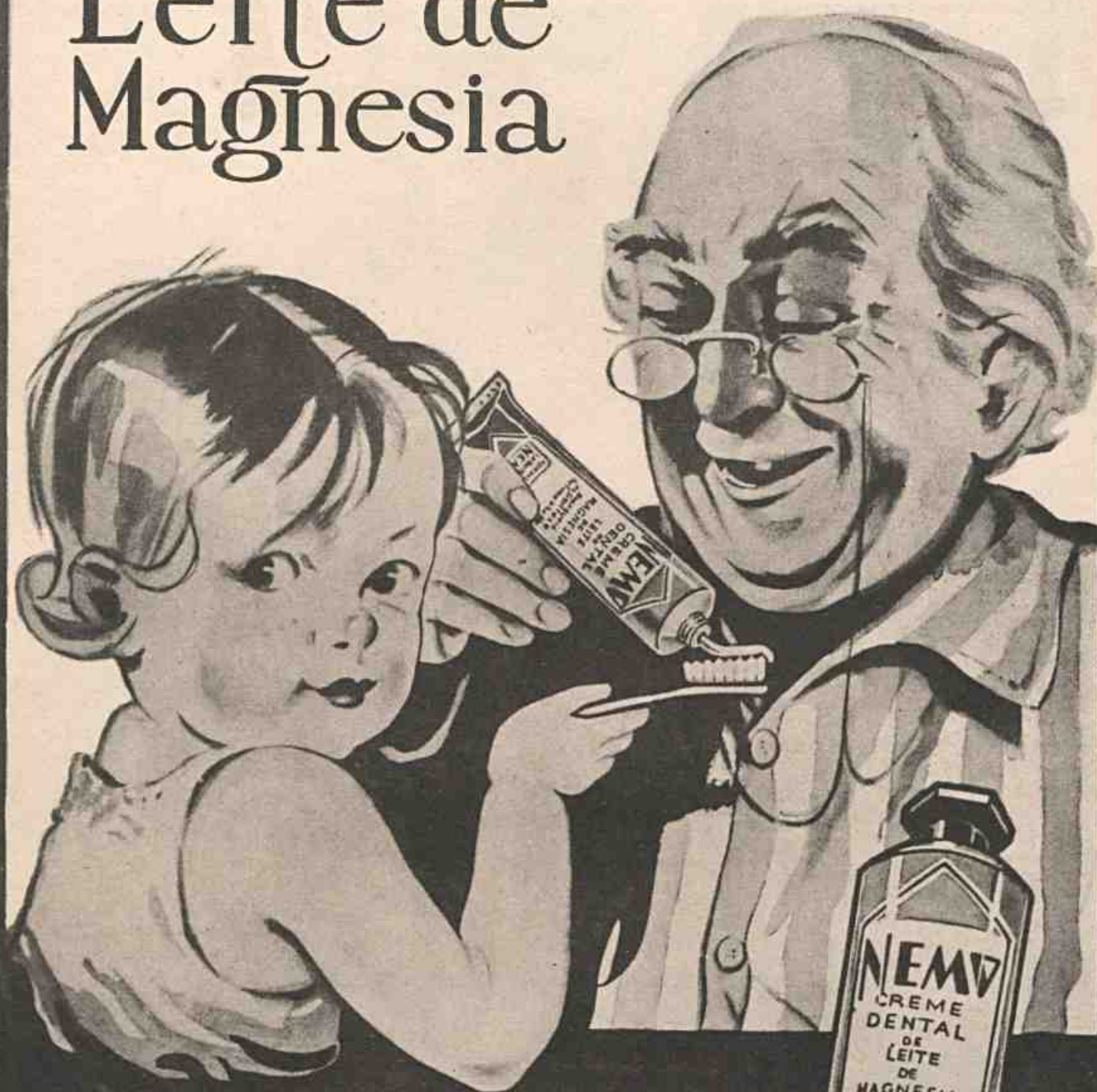
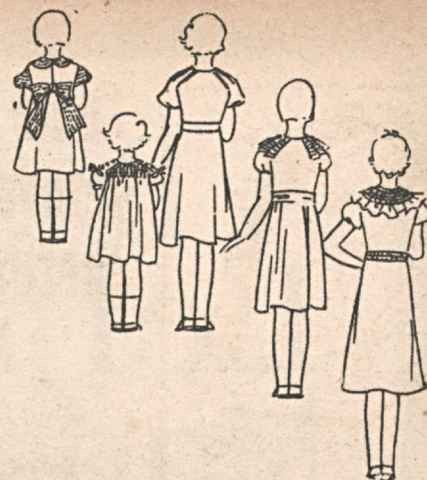
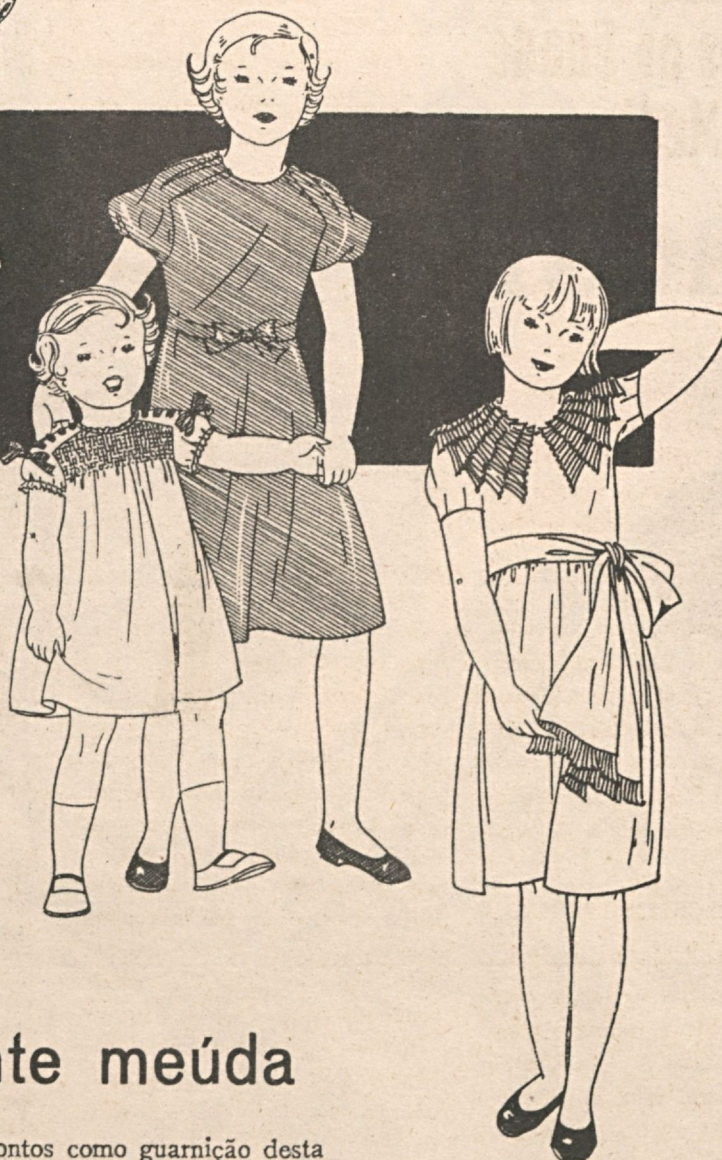
BLUSAS

Blusa de cambraia branca enfeitada com bainhas abertas

Blusa de "toile de soie" listrada.

Blusa de crepe romano azul toda guarnecida de nervuras.

Blusas brancas, de "piqué" de seda ou setim.

J. U. CAMPOS
À Base de
Leite de
Magnesia
NEMO
CREME
DENTAL
DE
LEITE
DE
MAGNESIA
Branqueia
os Dentes e
Perfuma o halito
FORMULA DOS
LABORATORIOS
NEMO, N.Y.
CREME DENTAL
NEMO

Para gente meúda

Plissados, fôfinhos, pospontos como guarnição desta série de graciosos vestidos que podem ser talhados em crepe de seda, de algodão, etc.

Como se embellezavam as mulheres na Edade Media

(Conclusão)

Naquelles dias longinquos, nenhuma dama era considerada chic si não possuisse uma cabelleira loura, que era, aliás, a das heroinas dos romances de Cavallaria. Segundo Joinville, os cabellos negros inspiravam terror entre certos povos. Não no Oriente; os Levantinos sentiam-se até muito honrados com seus cabellos de azeviche.

No Seculo XIV eram vulgares os preparados para dourar ou pratear os cabellos. No XV° seculo, as pessoas edosas, para apparentar juventude, tingiam os cabellos com bagas de sabugueiro.

UMA RECEITA CURIOSA

"Tomem — prescrevia Plinio — um sestercio de sanguesugas e dois terços de vinagre puro. Batam-no todo e, depois, colloquem-no num vaso de chumbo, deixando-o ahi a fermentar durante 60 dias. Ao cabo desse tempo, esfreguem os cabellos com esse preparado, á luz do sol; elles ficarão magnificamente pretos".

E Plinio accrescenta:

"Não se esqueçam, porém, de ter na bocca, durante a operação, certa quantidde de azeite, para evitar que os dentes tambem se ennegreçam".

Tal receita causará asco, mas será preferivel á dos "ovos de formigas macerados com moscas mortas" usada pelas romanas...

Labios defeituosos

DR. PIRES
(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

Os labios muito grossos encontram, tambem, na cirurgia esthetica, um facil correctivo. Essa hypertrophia provém de um espessamento da mucosa justamente na parte que está virada para o interior da bocca, A's vezes a hypertrophia se localiza na metade de um labio, em todo elle ou, então, nos dois.

Não é desnecessario dizer que essa anomalia é muito commum nos negros e dahi a razão pela qual os individuos de raça branca têm um grande desgosto em possuir esse defeito. Ha mezes atraz, operei um industrial americano que me procurou por ter lido num jornal de Nova York noticias referentes a trabalhos meus sobre cirurgia esthetica, apresentados ao Congresso de Plastica, por signal que realizado em Paris. Examinei o caso e fiz a intervenção indicada, corrigindo rapidamente o augmento exaggerado dos labios que possuia. Não procurei indagar qual a razão desse seu desgosto mas depois vim a saber por um amigo e patricio delle, que meu cliente havia solicitado em casamento uma moça allemã, tendo sido, entretanto, o pedido rejeitado, pelos estigmas de sua raça. Creio, em todo caso, que tudo ficou arranjado, pois não ha muitos mezes recebi participação do casamento...

Um cirurgião estheta, especialista em endireitar labios, certamente que teria muito trabalho nos Estados Unidos, onde, em algumas cidades, existem occupando bôas situações muitos representantes da raça negra.

A operação para diminuir a espessura dos labios é, em si, bem facil: um corte forma de crescente sobre a mucosa, sutura com fios de seda e curativos simples.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao **Dr. Pires** — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA
Nome ....
Rua ....
Cidade ....
Estado ....

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DO 30.° PROBLEMA DE PALAVRAS CRUZADAS

CAPITAL

Ayres Paula — Rua dos Cardosos, 40 — Cascadura.
Celita Barbosa — Rua Dr. Garnier, 14.

S. PAULO

Helena A. de Miranda — Rua Visconde de Piracicaba, 64 — Piracicaba.
Fralugo — Rua Tiradentes, 17 — Capivary.

MINAS GERAES

Carlos Gravatá — Rua Claudio Manoel, 981 — B. Horizonte.
Rafat Farah — Jacutinga.

PARANA'

Ney P. Machado — Praça Carlos Gomes, 111 — Curityba.

R. G. DO SUL

Luiz P. Rodrigues — Santa Victoria do Palmar.

ESTADO DO RIO

Vicente F. S. — Praia de Icarahy, 407 — Nictheroy.

PERNAMBUCO

Lauro Antonio de Carvalho — Pesqueira.

B	A	E	U	■	■	L	O	T	O
O	■	A	L	A	D	O	S	■	U
H	I	■	H	I	O	T	■	A	R
A	N	O	■	N	A	■	A	R	O
■	F	I	S	■	■	F	I	M	■
■	E	T	A	■	■	U	P	A	■
A	T	O	■	M	S	■	O	D	E
L	O	■	R	A	I	Z	■	A	S
G	■	F	I	R	M	A	R	■	S
O	L	E	O	■	■	Z	U	N	E

A solução exacta do 30° torneio de Palavras Cruzadas.

CORRESPONDENCIA

Recebemos e vão ser submettidos a exame os seguintes trabalhos:

Palavras cruzadas de: L. Barros, V. D. C., João Aurelio da Silva, Pedro Leite, A. S. R. e Marilia Gomes.

Carta enigmatica de: João J. Barros, Ansota Fonseca, Sabichão e Antonio S. Souto.

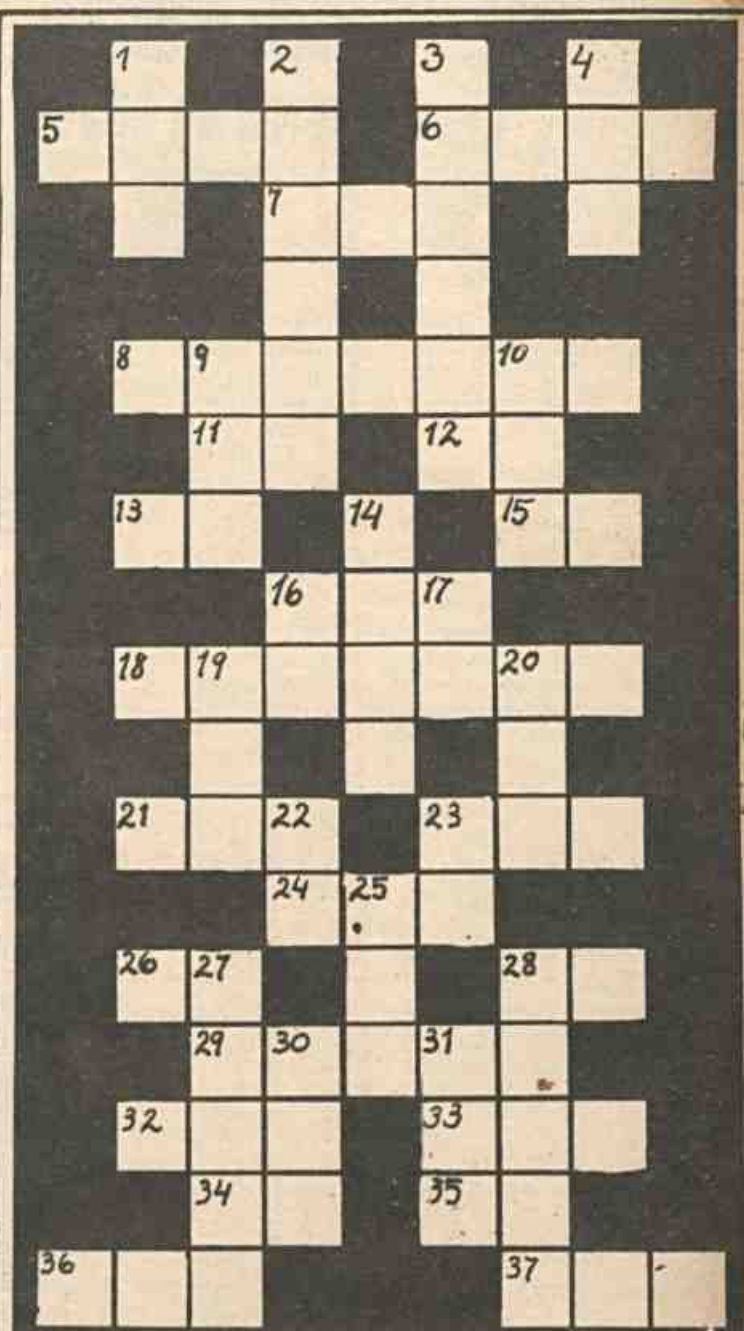
33.° Palavras cruzadas

Ao nosso collaborador B. Corrêa Netto pertence o presente problema de "Palavras cruzadas".

As soluções deste torneio devem ser enviadas á nossa redacção — Travessa do Ouvidor, 34 — Rio, até o dia 23 de Março, data do seu encerramento.

Na edição d'O MALHO do dia 6 de Abril, apresentaremos o resultado do sorteio procedido nesta redacção, sendo distribuidos *Dez* magnificos premios entre os concurrentes que nos enviarem as soluções certas e acompanhadas do "coupon" respectivo.

PALAVRAS CRUZADAS
Coupon n. 33
Nome ou pseudonymo .. ..
.. ..
Residencia .. ..
.. ..
.. ..

Palavras cruzadas

Horizontaes:

5) Aurora.
6) Botilhão.
7) De pouco preço.
8) Musculo do ante-braço.
11) Rio da França.
12) Antes de Christo.
13) Peso romano.
15) Outra coisa mais.
16) Estorvos.
19) Uniforme.
21) Constellação zodiacal.
23) Rio da Russia.
24) Templo japonez.
26) Tecido.
28) Tempo de verbo.
29) Rio do Pará.
32) Planta do Brasil.
33) Antiga aldeia de indios.
34) Fluido.
35) Quadrupede.
36) 3° filho de Jacob.
37) Titulo de bispo syriaco.

Verticaes

1) Cidade de Wurtemberg.
2) Bôlo de farinha dôce torrada.
3) Sulfureto de chumbo natural.
4) Pimenta das Indias.
9) Contracção.
10) Tumulo de madeira.
14) Netto de Loth.
16) Grosseiro, tosco.
17) Consoantes.
19) Adverbio.
20) Peixe.
22) Rio da Siberia.
23) Concede.
25) Rede de indios.
27) Febre que se repete de 8 em 8 dias.
28) Permissão.
30) Rio affluente do Rheno.
31) Ave pernalta de Angola.

OS CASOS RAROS

A nomeação, pelo Governo francez, do general Pagézy para commandante da 18ª Região (Bordéus) teve, como consequencia, uma situação que nunca se verificara até então nos annaes militares: dois irmãos commandarem corpos do Exercito.

O general Jacques Pagézy, commandante do 8º C. A. de Dyon, é irmão do general Eugene Pagezy, que vae commandar, breve, o 18º C. A. e, o que é mais curioso, os dois irmãos seguiram na vida e na hierarchia, uma perfeita regularidade.

Nascidos na mesma cidade, Montpellier, a um anno de distancia, o primeiro a 25 de Setembro de 1875 e o segundo a 19 de Setembro de 1876, entraram, com o mesmo intervallo, a 1º de Outubro de 1891 a 1º de Outubro de 1892, para a Escola Polytechnica, de onde sahiram na mesma arma: artilharia.

Nomeados respectivamente generaes de brigada, em 1926 e em 1927, continuaram a carreira com uma erythmia semelhante, pois que receberam cada um a terceira e depois a quarta estrella a seis mezes de distancia.